

## Jovens Participantes dos Grupos Focais



No Parque Novo Santo Amaro (SP - Capital)



Em Pindamonhangaba

## Sumário

I- INTRODUÇÃO.....	04
1. Objetivos da pesquisa qualitativa.....	05
2. Instrumento de pesquisa e metodologia.....	06
3. Precedentes e convites.....	06
4. Realização dos Grupos Focais.....	09
5. Clima reinante nos Grupos Focais.....	09
II- DESENVOLVIMENTO DOS GRUPOS FOCALIS.....	12
1. Importância do Programa SCV para os jovens.....	15
2. Apoio da Comunidade.....	32
3. Solicitações e sugestões ao Programa SCV.....	42
4. Tônicas: O que mudou em duas ou três horas ?.....	58
III- CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

*“A sociedade não sabe onde vai encaixar o voluntário.”*

(Marcos Cuba, agente social do Programa SCV em Pindamonhangaba)

*“É um conflito positivo porque ele não pertencia a nada, era apenas um jovem, como foi dito aqui, sentado nas calçadinhas e tal, ele não era útil, não podia dar nada, agora ele pode dar e a sociedade está um pouco assustada com isso. Esse conflito é positivo.”*

(Sebastião Bertolino Filho, Responsável da Obra Assistencial Lar da Criança Nova Esperança em Pindamonhangaba)

*“As políticas sociais e os programas destinados à população jovem em situação de pobreza normalmente priorizam seus problemas, fracassos e deficiências e, com freqüência, atingem crianças e adolescentes quando já se encontram em situação de difícil reversão. É necessária uma mudança de mentalidade que tenha como alvo competências e potenciais – da criança/jovem, da família e da comunidade”*

(cit. in RIZZINI,I.;BARKER,G.;CASSANIGA,N.: 2000,10)

## I. Introdução



Visão geral do GF de jovens no Parque Novo Santo Amaro (SP - Capital)



E em Pindamonhangaba

## I- Introdução

Esta informação qualitativa sob forma de Grupos Focais (GFs) foi pensada como complemento à Pesquisa com os Participantes do Programa Serviço Civil Voluntário (PPPSCV) realizada em dezembro de 2000 no âmbito do Projeto de acompanhamento dos Programas de Emprego e Renda no Estado de São Paulo- SERT/DIEESE.

Em sua fala livre ao final do questionário da PPPSCV alguns participantes teceram elogios aos instrutores e também críticas e sugestões ao curso e ao Programa.

Estes GFs começam onde a entrevista se encerra, ou seja, com a proposta de grupos de jovens e grupos de comunidade refletirem sobre os impactos do curso e do conjunto das atividades desenvolvidas pelo Programa no seu cotidiano pessoal, familiar e profissional, na expectativa de que estes indivíduos e grupos façam suas sugestões e propostas ao Programa, ao mesmo tempo em que se proponham a atuar em função de suas avaliações.

### 1. Objetivos da pesquisa qualitativa:

De acordo com a coordenação da pesquisa<sup>1</sup>, o objetivo desta avaliação qualitativa do Programa Serviço Civil Voluntário “*é investigar junto aos alunos do Programa Serviço Civil Voluntário como avaliam sua participação no Programa e o impacto desta vivência para seu cotidiano, quer em termos de trabalho, quer em termos pessoais (vivência social e direitos humanos, formação de vínculos com a entidade parceira etc.). Junto aos membros da comunidade onde o aluno prestou serviços em função de sua participação no programa, a investigação será voltada para sua avaliação do impacto deste tipo de proposta para a comunidade e para a coleta de suas sugestões para aprimorar a política pública.*”

---

<sup>1</sup>Marina Sidrim Teixeira

## **2. Instrumento de pesquisa e metodologia:**

Inicialmente utilizado apenas como técnica de pesquisa de mercado nos Estados Unidos, gradativamente o Grupo Focal vem sendo adaptado a outros tipos de levantamento e ganhando assento nas Ciências Sociais. Seleccionados alguns temas cujos aprofundamentos nos interessam, é elaborado um roteiro de questões a serem propostas para discussão do grupo<sup>2</sup>.

No nosso caso a opção metodológica pelo GF deveu-se ao leque de possibilidades que este instrumento de trabalho apresenta e que condizem com os princípios pedagógicos do Programa SCV<sup>3</sup>.

O Grupo Focal ajuda a :

- Levantar *informação qualitativa* para a pesquisa de forma que esta possa também representar um ganho pedagógico para os participantes envolvidos;
- Dar continuidade ao processo de *reflexão e diálogo* entre os participantes;
- Potencializar a *grupalização* e as *interações grupais* entre os jovens e suas comunidades.

## **2. Precedentes e Convites**

Em São Paulo, o trabalho foi antecedido de visita da coordenadora da pesquisa à Igreja Católica de São Luiz Gonzaga onde o curso havia sido realizado para, em conjunto com o instrutor (Adolfo de Moura Lora), o agente comunitário responsável pela área (Moacir) e uma assessora da Associação de Moradores do Parque Novo Santo Amaro (Ângela), definir os participantes dos Grupos Focais.

Inicialmente foi feito um levantamento das atividades dos alunos junto à população (HG) para ver quais seriam os representantes pertinentes para o GF da comunidade:

- Distribuição de folhetos de informação da Eletropaulo sobre acidentes com energia elétrica em residências;
- Distribuição de folhetos sobre o trabalho dos Alcoólatras Anônimos;

---

<sup>2</sup> Ver no Anexo 1 o roteiro de questões aos jovens e à comunidade.

<sup>3</sup> Princípios Pedagógicos- “*ver o jovem como construtor de seu conhecimento...*” (SERT/DIEESE, 2000-p.3)

- Elaboração e distribuição de folhetos de telefones úteis para a comunidade;
- Doação de sangue;
- Organização do evento do PAE (Programa de Auto Emprego da SERT) e
- Participação na Caminhada pela Vida e pela Paz.

Assim, levando-se também em conta as características da implantação e do funcionamento do Programa naquela área específica de São Paulo, avaliou-se que deveriam compor o GF da comunidade: o instrutor; um outro representante da corporação da Polícia Militar (face à importância assumida em função de o instrutor ser um PM); um representante da Igreja que sediou o curso; dois representantes da Associação de moradores do Parque Novo Santo Amaro (uma vez que todos os alunos residiam no local); a consultora voluntária da associação; um morador da comunidade e três pais/mães de alunos (as), totalizando 10 pessoas.

No caso do GF dos alunos, como o Programa tivera 30 jovens participantes em uma única turma e pretendia-se um GF com mais ou menos 10 membros, procedeu-se a um sorteio seguindo-se as seguintes etapas para garantir a representatividade dos diversos tipos de jovens:

- O instrutor separou todos os alunos segundo a avaliação que faziam de suas personalidades e de sua forma de participação no curso, o que resultou em 4 conjuntos: o dos mais participativos, o dos tímidos, o dos rebeldes e/ou pouco participativos e o dos que tiveram uma atuação “normal”, “na média.”
- De acordo com a proporção de jovens em cada um desses conjuntos, foram sorteados 10 alunos para compor o GF.

Em Pindamonhangaba, o trabalho também foi antecedido de visita da coordenadora da pesquisa à Escola Comercial onde o curso havia sido realizado para, em conjunto com as instrutoras (Andréa, Sulamita, Claudia e Juraci) e o agente comunitário responsável pela área (Marcos Cuba), definir os participantes dos Grupos Focais.

Inicialmente foi feito um levantamento das atividades dos alunos junto à população (HG) para ver quais seriam os representantes pertinentes para o GF da comunidade:

- Doação de alimentos ao Lar de Velhos São Vicente de Paula;

**Grupos Focais com Jovens e Comunidade - Programa Serviço Civil Voluntário**

---

- Doação de alimentos e roupas ao Lar de Crianças Irmã Júlia;
- Doação de alimentos, roupas e brinquedos e participação em um jogo de futebol com as crianças e adolescentes da Obra Assistencial Lar da Criança Nova Esperança;
- Doação de alimentos ao Clube das Mães e
- Campanhas públicas no centro da cidade: prevenção a AIDS, hanseníase e tuberculose em parceria com a Prefeitura e “Mantenha a cidade 100% limpa.”

Assim, levando-se também em conta as características da implantação e do funcionamento do Programa em Pindamonhangaba, avaliou-se que deveriam compor o GF da comunidade: duas instrutoras (uma do turno da manhã e outra do turno da tarde) que foram escolhidas por sorteio; o agente comunitário de Pindamonhangaba – responsável pela interlocução com a SERT e a ÁGORA em São Paulo e pela implementação dos meios práticos de realização cotidiana do Programa; o vereador Alexandre Pió a quem se credita a vinda do Programa para Pindamonhangaba; um representante da Escola Comercial que sediou o curso; um representante da Associação Comercial e Industrial de Pindamonhangaba - instituição que se propôs a cadastrar os alunos com vistas à seleção para estágios e trabalhos; um representante do Informatic Center – órgão responsável pelo curso de informática; um representante da Prefeitura de Pindamonhangaba – entidade parceira na Campanha da AIDS; um representante de uma das comunidades de residência dos alunos; um pai de aluno (a) e uma mãe de aluno (a), totalizando 12 pessoas.

No caso do GF dos alunos, como o Programa tivera 120 jovens participantes em 4 turmas (2 pela manhã e 2 na parte da tarde) e pretendia-se um GF com mais ou menos 10 membros, procedeu-se a um sorteio seguindo as seguintes etapas para garantir a representatividade dos diversos tipos de jovens:

- As instrutoras separaram todos os alunos segundo a avaliação que faziam de suas personalidades e de sua forma de participação no curso, o que resultou em 4 conjuntos: o dos mais participativos, o dos tímidos, o dos rebeldes e/ou pouco participativos e o dos que tiveram uma atuação “normal”, “na média.”
- De acordo com a proporção de jovens em cada um desses conjuntos, foram sorteados 12 alunos para compor o GF.

Tanto em São Paulo como em Pindamonhangaba, instrutores e agentes comunitários ficaram incumbidos de convidar os escolhidos para participar do trabalho, informando a data, a hora e o local de sua realização.

#### **4. Realização dos GFs**

Foram realizados quatro GFs: dois em São Paulo, capital e outros dois na cidade de Pindamonhangaba, junto aos jovens participantes do Programa SCV e de suas comunidades de origem em cada uma destas áreas.

Cada GF teve uma duração de 2 a 3 horas e contou com um número de participantes<sup>4</sup> que variou de sete a dez pessoas .

Na capital, os GFs foram realizados na Igreja São Luiz Gonzaga - Parque Novo Santo Amaro, na zona sul da cidade, nos dias 22/01/01 (jovens) e 23/01/01 (comunidade), local sede do Projeto na área.

Em Pindamonhangaba, os GFs foram realizados na Associação Comercial e Industrial de Pindamonhangaba, no centro da cidade, nos dias 29/01/01 (jovens) e 30/01/01 (comunidade).

Cada GF contou com a facilitadora<sup>5</sup> lançando as questões para discussão do grupo e operando o gravador e um(a) relator(a)<sup>6</sup> registrando os relatos e fotografando o grupo.

#### **5. Clima Reinante nos GFs**

A participação nos GFs começou a ser estimulada antes do seu início com os participantes - alunos ou membros da comunidade - ajudando na reorganização do espaço de forma mais aconchegante para o trabalho.

Após a acomodação em círculo (para longe da longa mesa retangular no salão da Igreja de São Luiz Gonzaga, na capital), ou a acomodação em círculo a partir de uma “roda

---

<sup>4</sup> Ver listas de participantes em Anexo 2.

<sup>5</sup> Irene Loewenstein, responsável por este relatório, facilitou os quatro GFs.

<sup>6</sup> Antônio Carlos Alkmim dos Reis em São Paulo - capital e Marina Sidrim Teixeira - em Pindamonhangaba - foram relatores dos GFs.

quadrada” construída no auditório da Associação Comercial em Pindamonhangaba (com poltronas presas de três em três), foi feita uma dinâmica de apresentação pessoal, um “quebra gelo”. Esta apresentação e o crachá autocolante com o nome de cada um facilitaram o papo e irmanaram torcedores de um mesmo time de futebol (inclusive as preferências em São Paulo e Rio de Janeiro!) ou aqueles que não gostam de acordar cedo, ou os que gostam de trabalhar com jovens, ou os que não gostam de trabalhar com gente sem esperança...

Ânimos aparentemente mais leves, foi sempre feita uma apresentação e explicação sobre o trabalho a ser desenvolvido, solicitada a autorização para os diversos registros (relatoria, gravação<sup>7</sup> e fotografia) e esclarecido que nenhuma pergunta ou questão era impositiva, manifestava-se quem assim o desejasse.

Os grupos tiveram propositalmente uma composição bastante heterogênea de forma a espelhar o universo humano envolvido no Programa SCV, seja entre os jovens, seja entre as comunidades.

Entre os jovens no geral o clima reinante foi bastante descontraído e gradativamente animado mas sem sombra de “zoação” (zoeira). Ao mesmo tempo que nos dois grupos um certo grau de curiosidade e apreensão podia ser sentido de forma desigual entre os jovens. Esta desigualdade esteve presente durante a realização do trabalho e foi traduzida em participações também desiguais, quer em quantidade de falas, quer em espontaneidade.

Entre as comunidades os climas foram mais variados:

- O trabalho do Projeto em Parque Novo de Santo Amaro, São Paulo capital tem, aparentemente, uma ainda fraca participação comunitária - além do que alguns participantes previstos não puderam comparecer ao GF -, o que resultou em participações também mais pontuais. Ainda assim, a integração foi crescente e a

---

<sup>7</sup> Luisa Helena Pitanga foi responsável pela transcrição das gravações que está disponível no Anexo 3. Problemas técnicos impossibilitaram a gravação do GF da comunidade em SP capital, a 22/01/01- o texto correspondente constante do anexo é um relato.

disponibilidade de fazer algo em conjunto muito ressaltada. No final houve um pequeno lanche mas os subgrupos persistiam.

- Em Pindamonhangaba o leque de participações no Programa espelhou-se positivamente no GF. Desde o início parecia haver entre os membros do grupo uma disposição de integrar-se ao encontro e curiosidade. Na medida em que o grupo era social e profissionalmente muito amplo, as relações com o Programa eram também muito variadas. Assim, o grau de tranquilidade e segurança era, naturalmente, também desigual. Mas caminhou, e velozmente, para posições que pareciam confortáveis para cada participante. Um bom lanche ajudou ainda mais na soltura e na participação do grupo.

## II. Desenvolvimento dos Grupos Focais



Detalhes do GF de jovens no Parque Novo Santo Amaro (SP - Capital)



E em Pindamonhangaba

## II- DESENVOLVIMENTO DOS GRUPOS FOCAIS

Faz-se aqui necessária uma justificativa para o modelo de GF e de relatório<sup>8</sup> adotado:

Os quatro GFs forneceram material muito variado e rico, tanto pelas falas (as falas individuais, as de complementação do outro, as que atravessavam a fala do outro, pelo ato de figurar falas alheias muito usado como ilustração), como pelas dificuldades em expor-se verbalmente (mas fazendo-se presente pela expressão atenta e participações corporais) ou pelos silêncios e mostras de desinteresse.

Por todo um conjunto de posturas majoritariamente receptivas e de envolvimento com o GF, pela gradativa descontração ocorrida em cada grupo e mesmo, pelas manifestações de prazer em poderem estar juntos e pelo desejo manifesto e pelas propostas de continuidade ao curso expressas pelos integrantes dos quatro grupos.

Por tudo isto, as falas às vezes parecem transbordar e não raro são recorrentes. Decidiu-se deixar que as colocações, às vezes longas, falassem por si neste relatório, fazendo-se recortes para registrar semelhanças/ diferenças entre os discursos e não para ilustrar ou corroborar uma linha de análise pré-definida.

Encarando-se este trabalho nos moldes de uma pesquisa-ação, metodologicamente apenas respeitou-se a função do “facilitador” de GF que pesquisa e obtém sua informação na medida em que propicia o diálogo dentro do grupo e o apoia no estabelecimento das pontes para a ação.

Partindo-se dos objetivos destes GFs - verificação do impacto do Programa SCV no cotidiano dos participantes e das comunidades envolvidas e levantamento de sugestões para aprimorar a política pública - e, dada a extensão e a riqueza do material colhido<sup>9</sup>, os roteiros utilizados nos grupos com os jovens e com as comunidades<sup>10</sup> foram refundidos de forma a permitir alguns cruzamentos pertinentes de informação e facilitar a análise.

---

<sup>8</sup> A responsável pela revisão final do texto do presente relatório foi Silvia Teixeira Barroso Rebello.

<sup>9</sup> Ver Anexo 3.

<sup>10</sup> Ver Anexo 1.

Com o intuito de “dar voz” à cada um dos grupos, assim como de visibilizar a “interlocução”<sup>11</sup> que ocorreu entre estes atores e ressaltar as sugestões e propostas ao Programa SCV, serão aqui expostas e analisadas três classes de questão:

- 1- Importância do Programa SCV para os jovens.
- 2- Apoio da Comunidade aos jovens/Programa SVC.
- 3- Solicitações e sugestões ao Programa SCV.

É preciso ressaltar que, ao trabalharmos com um cruzamento de opiniões e sugestões entre jovens e também entre estes e suas respectivas comunidades, perseguimos objetivos concretos e práticos no sentido de, através do instrumento de trabalho “Grupo Focal”, fazer emergir as disponibilidades de comunicação e ação de cada um dos integrantes destes conjuntos.

Este, como qualquer outro cruzamento, não deve no entanto ter um tratamento linear, absoluto, descontextualizado. É preciso considerar que:

- Os jovens já estavam sensibilizados e coletivamente atuantes durante os três meses do Programa enquanto os membros das comunidades não mencionaram atividades que mobilizassem o conjunto (aparentemente estas não existiam) e, salvo exceções, colocaram suas disponibilidades e propostas com caráter individual.

Dado que só foi feito um GF com cada grupo, esta diferença é um dado estrutural a considerar e que tende a repercutir na maior grupalização de uns (jovens) e na menor grupalização de outros (a comunidade).

- O GF é um instrumento utilizado sobretudo para registrar o discurso verbal dos participantes. A existência do discurso e sua verbalização são portanto a matéria prima do GF. A análise destes discursos irá produzir/construir novos conhecimentos.

Nos quatro GFs houve participantes que falaram mais e outros que falaram menos, aqueles que tiveram grande dificuldade em falar e inclusive que não falaram (por ex., a

---

<sup>11</sup> Só houve interlocução virtual mas não de fato, entre os GFs.

mãe de uma aluna de SP capital), mas o que tende a aparecer e ser analisado é o discurso de quem mais falou.

- De acordo com a proporção de jovens por sexo, também nos GFs o número de moças era menor que o de rapazes. Em SP a participação destas durante o GF foi sensivelmente menor que em Pindamonhangaba. Esta diferenciação na participação pode ser explicada por uma multiplicidade de fatores mais ou menos estruturais e/ou circunstanciais. Em nenhum caso portanto cabem generalizações, inclusive porque o GF se pretende um retrato grupal, tipo instantâneo de impacto e, por isso, mutável.

Uma última observação: as falas citadas foram localizadas como ‘SP capital’ ou ‘Pindamonhangaba’. Aos membros da comunidade, por se tratar de indivíduos claramente diferenciados e que, por este motivo, foram convidados a participar, foi atribuída autoria (nome e/ou função). Os jovens vem indicados apenas por sexo (um jovem/uma jovem).

## **1-Importância do Programa SCV para os jovens**

### **1.A - SÃO PAULO**

Alguns aspectos foram ressaltados como os mais importantes entre os jovens de São Paulo capital: conhecer pessoas; o fato de o instrutor ser um policial e um educador ajudou na quebra de preconceitos; aprender sobre Direitos Humanos; a metodologia de trabalho do Projeto (debates, dinâmicas, diálogo) e as Habilidades de Gestão (HG).

#### ➤ Sobre conhecer pessoas:

*“(...) eu pude conhecer pessoas novas aqui. Tudo mora aqui, mas a gente não conhecia (...)”* (um jovem de SP capital).

#### ➤ O curso como organizador da vida cotidiana:

Uma participante de SP capital que inicialmente não quis falar - *“Ele fala melhor, eu não quero falar não”* - mais adiante diz que o curso lhe deu um objetivo e modificou sua vida:

*“Eu gostei de ter participado do curso. Pra mim mudou bastante, porque eu ficava em casa sem fazer nada e ficava só pensando besteira, aí quando eu fiquei sabendo do curso, eu me inscrevi, fiz o curso e mudou – tipo, agora eu quero trabalhar, quero ajudar a minha mãe, quero ter um emprego bom e mudou bastante o meu pensamento.”*

A representação do curso como uma melhor forma de aproveitar o tempo para não ficar “sem fazer nada e só pensando besteira” é bastante generalizada entre os jovens e as comunidades mais pobres e desassistidas.

Ao se propor a preencher e organizar produtiva e prazerosamente o tempo destes jovens, o curso apoia o amadurecimento e influi sobre uma auto estima mais positiva: “...aí eu fui ficando mais velho, mais conversando com eles, tendo um pensamento novo...”. Na fala deste jovem:

*“(...) eu com esse curso foi bom que aprendi a dar respeito e também a receber respeito, por isso hoje eu já não brigo mais com a minha mãe, a gente somos amigos, tudo que eu tenho eu converso com ela, pode ser de mulher do que for, eu converso com ela, também foi uma boa porque há uns tempos eu tava até se envolvendo nas drogas, com esse curso muitas conversa, a gente teve conversando, eu tive uma conversa particular com ele (instrutor), ele conversou comigo sobre o que era bom e o que não era pra mim, aí eu fui ficando mais velho, mais conversando com eles, tendo um pensamento novo, e com isso eu vi que as drogas pra mim não vale a pena e nem ficar brigando com a mãe que eu acho que a mãe no mundo é tudo pra gente e a gente não deve brigar com a mãe, só isso.”* (Um jovem participante de S.P.- capital- esta foi a única fala deste jovem no GF).

➤ Sobre o instrutor, a quebra de preconceitos e a temática dos direitos humanos:

O fato de o instrutor do grupo ser um policial e um educador contribuiu de forma muito prática e decisiva para a quebra de alguns preconceitos.

O exemplo do instrutor Lora, um policial de carreira, foi muito ressaltado, tanto pelos jovens como pela comunidade. Passado o primeiro choque de ter um policial orientando-os, os jovens puderam reconhecer a disponibilidade do instrutor para com o grupo. Passaram então a não generalizar seu conceito negativo sobre a corporação, mostrando que, a partir dos ensinamentos sobre Direitos Humanos, reconhecem e posicionam-se sobre os direitos e deveres de cada um.

Um jovem diz que já não mais apanha, se esconde, foge ou se amedronta com a presença de policiais, tendo inclusive passado a frequentar o posto policial.

Outro jovem, de raça negra, afirma que: *“Pra mim foi fundamental direitos Humanos. Aqui no Brasil tem um preconceito enorme (...)”* e dá exemplos sobre discriminação racial e social em bancos e diz que *“se por acaso acontecer isso comigo, eu sei procurar os meus direitos.”*

➤ Sobre temas abordados e posturas:

A valoração dos ensinamentos adquiridos e dos conhecimentos praticados na área de Direitos Humanos é uma constante, como pode ser visto na declaração a seguir:

*“(...) uma das coisas que eu gostei mais de aprender foi sobre Direitos Humanos (...) legal participar das HGs (...) o instrutor foi bem bacana (...) nem sabia que ia ser assim, nunca vi uma coisa assim (...) foi bom”* (Um jovem participante de S.P. capital)

*“(...) pelo fato da gente aprender mais o que a gente não aprende na escola de verdade, (...) aqui, a gente aprende a respeitar melhor o outro, difícil aprender na escola, no caso respeitar a opinião do outro.”* (Um jovem participante de S.P. - capital).

➤ As HGs habilitam para gestões as mais variadas:

Os trabalhos ou atividades que mais interessaram aos jovens que participaram dos GFs foram sempre as HGs e, sobretudo, aquelas com fortes vínculos sociais e de formação. Além das HGs mais citadas pelos jovens, o instrutor do grupo se refere ao fato de que a distribuição de folhetos, como por exemplo o folheto do CAD, levou a uma divulgação dos serviços prestados por estas áreas que passaram a ser mais procuradas pela comunidade.

No caso de SP capital, as HGs nomeadas como as mais importantes foram:

A HG da doação de sangue:

*“a doação de sangue, a parte que foi mais legal, porque no caso, você vê um monte de gente aí morrendo, precisando de sangue e a gente doamos sangue pensando no próximo.”* (Um jovem participante de S.P.- capital)

*“Pegando outro gancho da doação, que eu também achei, na minha opinião foi a melhor mesmo(...) a gente deu essa idéia, será que a gente pode doar sangue? (...) a*

*gente foi, todo mundo mesmo e (...) passou um senhor e uma senhora perto da gente... Eu achei legal que ele parabenizou a gente...ter tomado essa iniciativa.(...) e até hoje eu vejo na televisão, doe sangue, você pode salvar uma vida, toda vez que eu vejo isso, eu fico muito orgulhoso comigo mesmo, com todo mundo que ficou aqui e a gente espera mais uma vez ir de novo doar sangue.” (Um jovem participante de S.P.- capital)*

O passeio ao Museu do Ipiranga:

*“Além da doação de sangue, foi ir até o Museu do Ipiranga, acho que ninguém tinha conhecido o Museu do Ipiranga ainda, foi muito legal (...) conhecer a história do Brasil é fundamental (...) Como era os carros antigamente, as roupas de antigamente como eram.” (Um jovem participante de S.P.- capital)*

Há aqui um claro recado pedagógico de como (melhor) se produz conhecimento:

*“Pegando o gancho do museu, foi legal porque agente não sabia mesmo o que ia ver lá, nem imaginava como seria o museu, pelo menos da minha parte, como ele falou que a gente poderia aprender mais da história, o que a gente estuda em livro é difícil imaginar como era, a gente vendo o lado do outro como eram as armas, os carros, tinham vários quadros pintados, muito bonitos por sinal e a gente pode ver como era e aí a gente começa a imaginar mais o Brasil antigamente, é muito legal.” (Um jovem participante de S.P.- capital).*

O grupo de jovens do Parque Novo Santo Amaro também organizou, tirou cópias e distribuiu de casa em casa uma lista de telefones úteis para a comunidade *“pro pessoal ficar mais esperto quando precisar de algum telefone, tipo de hospital (...)”*, conforme uma participante.

Também organizaram a entrega de panfletos informando sobre uma sede dos AA na comunidade, além de informar sobre o apoio prestado pela Igreja local.

Foi feita uma HG em parceria com a Eletropaulo em que os jovens entregaram seis mil folhetos à população local. Esta HG rendeu boa experiência de contato com uma grande empresa para a qual inclusive estes jovens, apoiados pelo instrutor Lora, têm uma proposta de parceria, além de expectativas futuras de estágio/trabalho.

Para as comemorações de final de curso os jovens criaram e montaram, no espaço de uma semana, uma peça teatral sobre o desemprego. Eles se referem à esta experiência como uma divertida vivência de criatividade e improviso em grupo.

O lúdico, a criatividade e a cidadania interagem também com os momentos mais sérios ou solenes, como no exercício gráfico para ilustrar a Caminhada da Paz, tradicional procissão do Dia de Finados (sendo que, pela primeira vez, a comunidade admitiu a presença dos jovens). Após a caminhada de cerca de 5km entre a comunidade e o cemitério, a tarefa grupal foi em uma tela de 30 cm - cada participante ilustrar as suas impressões sobre a atividade. Conforme relato, cada um se expressou respeitando o espaço alheio ao mesmo tempo em que a tela ganhava em unidade<sup>12</sup>. Eles percebem esta atividade como um exercício de cidadania.

➤ Sobre emprego, curso e diploma de informática:

*“(...) é uma boa oportunidade de nós arranjarmos um emprego para trabalhar. Porque geralmente ficamos na rua aí o dia inteiro e com esse curso tivemos oportunidade de fazer o curso pra seguir em frente pra poder trabalhar depois, arranjar um emprego.”*

(Um jovem participante de S.P.- capital)

*“(...) o diploma do curso de informática que já vai adiantar muita coisa, porque eu mesmo não tinha condições de pagar um curso de informática em escola nenhuma e muito menos ainda ganhar, cê pagava aí uns 150 reais e ainda tinha que pagar o material didático, aqui você fazia o curso e tinha o material e os 65 reais.”* (Um jovem participante de S.P.- capital)

---

<sup>12</sup> O grupo deu a tela de presente ao escritório da Ágora.

## Parque Novo Santo Amaro Igreja de São Luiz Gonzaga Local de realização do SCV



## Parque Novo Santo Amaro Visão Panorâmica



## Parque Novo Santo Amaro Detalhes do Grupo Focal dos Jovens



## **1.B - PINDAMONHANGABA**

Entre os jovens de Pindamonhangaba alguns outros aspectos foram ressaltados como os mais importantes: a oportunidade de participar do curso; de mexer com computador; a noção e a prática da solidariedade; os instrutores / o agente social, sua atuação como educadores e o trabalho em grupo; a metodologia de trabalho do Projeto (debates, dinâmicas, diálogo, HGs) e a mudança de opinião referida por várias pessoas do grupo como ‘mudança de cabeça’; o trato com o espaço público na preparação e realização das HGs.

➤ A oportunidade de participar do curso:

A naturalização da escassez de oportunidades de estudo e formação no interior do Estado aliada à tradicional dependência aos poderes locais para a obtenção de vagas talvez ajude a explicar por que a maioria dos participantes de Pindamonhangaba se manifesta surpresa por sua participação no curso, nomeando esta oportunidade como um privilégio:

*“(...) eu não imaginava nem que ia ser chamado, primeiro porque eu nunca tive oportunidade de participar de nada disso (...) mostrou que o governo tá se importando mais com a gente aqui de fora (...) então pra mim foi uma coisa muito importante, como ele disse foi um privilégio poder estar participando do projeto(...), foi uma coisa que realmente marcou a minha vida (...) acho que foi os três melhores meses que eu já tive.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

Parece transparecer uma lógica de que ensino de qualidade, com tecnologia de ponta “é coisa de rico”:

*“(...) pra mim poder entrar nesse curso, eu fiquei muito feliz, porque que nem ele falou ali, a gente nunca tem assim (...) pra você fazer computação pago, sempre tava caro e você nunca pode ter o dinheiro e foi muito gostoso (...)”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba).

No GF da comunidade, o pai de uma participante, paraibano emigrado há quatro anos e residindo em um bairro periférico da cidade, apresenta-se agradecendo pela capacitação que a filha obteve no Programa.

“ (...) *agradeço porque não tinha condição de minha filha fazer o curso dado por eles, eu agradeço muito a vocês.*” (Pai de uma participante - GF da comunidade de Pindamonhangaba).

Ainda neste mesmo GF da comunidade de Pindamonhangaba a fala da mãe de uma participante foi de que “*para todos os pais foi muito importante este Projeto, em matéria de respeito, de companheirismo, de cada um saber onde que tá o seu lugar e como começar a se infiltrar na sociedade.*”

O curso, além da sua função educacional ampla, englobando tanto a formação de valores quanto a capacitação em habilidades específicas, também aparece como uma expectativa de ascensão e um indicador de caminho de integração social para os jovens começarem ‘a se infiltrar na sociedade’.

➤ A metodologia, os valores e os educadores:

A importância formativa da metodologia participativa, do diálogo, das dinâmicas, da postura do agente social e das instrutoras como educadores (e não como repassadores de conhecimento, que é o que tende a acontecer no ensino escolar tradicional) está ilustrada, para além desta seção, no conjunto de falas do grupo:

“(...) *dentro da sala, em vários debates (...) a opinião entre nós mudou muito, eu entrei com uma cabeça e saí totalmente diferente ali de dentro, foi assim uma coisa muito importante pra mim que eu vou levar pro resto da minha vida.*” (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Esta mesma jovem, falando sobre sua aproximação ao trabalho de grupo, tem uma percepção pedagógica muito clara sobre a utilização de dinâmicas na metodologia participativa:

“(...) *porque na dinâmica o objetivo era realmente esse, a gente se conhecer e criar laços entre si, pra poder ver o que dava pra fazer sozinho e o que não dava.*”

Não é a toa que alguns destes grupos se propõem a apoiar os instrutores, a serem monitores de novos grupos dentro do Programa.

A conquista de novas amizades e de novas experiências é seguramente um dos carros-chefes da adolescência. Aqui uma jovem nos indica que o ato de conhecer não é

mecânico ou fortuito; envolve perceber e aceitar o outro com suas diferenças, colocando-se disponível para reconhecer e começar a eliminar preconceitos:

*“O conhecimento que a gente teve entre as pessoas, a gente aprendeu a se conhecer cada um sem ter nenhum tipo de preconceito(...)”* (A mesma jovem).

Conhecer possibilita construir novos e diferentes relacionamentos.

Na fala que se segue, a jovem também chama a atenção para um tipo de relacionamento entre instrutores, agentes sociais e jovens onde aqueles efetivamente desempenham o papel de mentores, de pessoas de referência para os jovens.

*“ (...) a instrutora foi ótima com a gente, ela ajudava a gente não só ali dentro, mas também nos problemas pessoais da gente, particular, que a gente tinha em casa, eles sempre tavam ajudando, conversando com a gente, realmente se preocupavam com nós, tanto o Marcos, quanto as instrutoras que tiveram com a gente,(...) daqui pra frente a gente (...) eu tenho certeza que a gente não vai ser como antes, nós temos outra cabeça, aprendemos a agir de maneira diferente, foi só, foi muito importante. (A mesma jovem).*

No GF da comunidade a mãe de uma participante diz que *“(...) esse curso foi muito bom, porque eles (os jovens) arrecadaram um pouco de cada coisa, experiência na convivência com outras pessoas, outros jovens e aprendeu um pouco mais a respeitar um aos outros (...).”*

Aliás, a prática do “respeito”<sup>13</sup> e a ruptura do preconceito na relação com o outro foi também uma das questões mais ressaltadas pelos jovens de SP capital (neste caso em relação a seu instrutor, Lora, um policial militar que foi fardado ao primeiro encontro com o grupo).

#### ➤ SOBRE O TRABALHO DE GRUPO:

*“Quando a gente entrava na sala de aula(...) que sempre a gente ia discutir um assunto, logo após havia a dinâmica e na dinâmica a gente aprendeu que(...) é bom a gente ter contato com outras pessoas, é bom a gente ter um certo companheirismo, porque o que*

---

<sup>13</sup> A palavra respeito foi a mais citada na pesquisa quantitativa com os participantes do SCV como a primeira que vem à mente quando se fala em cidadania (SERT-DIEESE 2000 p.46).

*antes eu fazia em dez minutos, eu posso fazer em cinco, tem alguém pra me ajudar, dá mais prazer em saber que você tem alguém ali que vai te ouvir, que vai conversar com você, se você tiver triste vai te ajudar em alguma coisa, se você tiver alegre vai tá sorrindo com você. Isso é importante, dá prazer em saber que a gente tem sempre alguém do nosso lado e não ficar sozinha no canto, porque na dinâmica o objetivo era realmente esse, a gente se conhecer e criar laços entre si, pra poder ver o que dava pra fazer sozinho e o que não dava. E eu aprendi que agora é mais fácil quando a gente trabalha junto, dois pensa melhor do que um, eu acho que isso é que é mais importante, agora que eu aprendi, que eu tô vivendo isso, eu creio que daqui pra frente eu vou ter mais oportunidade e eu acredito que eu vou ser mais feliz não sendo tão egoísta com eu era, eu acho que foi de grande valia pra mim, muita validade.” (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)*

Descrevendo uma HG um jovem explica também porquê gosta de fazer trabalho em grupo:

*“Porque ensina e incentiva ao mesmo tempo, todo mundo é capaz de trabalhar em grupo e fazer um trabalho bom, ajudando, ensina você a mexer com a importância da cidadania, que todo mundo tinha que exercer a cidadania mesmo, trabalhando em grupo, se todo mundo trabalhar assim, eu acho que daria pra fazer grandes coisas pela cidade até.” (Um jovem participante de Pindamonhangaba)*

➤ Sobre as HGs e as HGs mais importantes:

Embora ressaltando a importância da capacitação em informática, também em Pindamonhangaba a maioria dos jovens que participaram do GF dedicou a maior parte de suas falas às HGs. Além do mais estes jovens indicaram muito claramente os caminhos metodológicos de sua preferência e as possibilidades de se construir conhecimento através das HGs. Perguntado sobre o que mais gostou, este jovem diz:

*“ Eu gostei de fazer mais o HG (...) porque se você trabalhasse em grupo, pra você fazer um projeto na área que você queria de trabalhar, por exemplo na área da saúde, que daí você ia lá e pesquisava o que precisava na área da saúde, reunia o pessoal e ia trabalhar em cima (...) Por exemplo, ajudava lá no Lar das Crianças, teve um dia foi arrecadar alimento e roupas, daí ia lá arrecadava, via assim quem tava precisando mais e fazia.” (um jovem participante de Pindamonhangaba)*

As HGs remetiam os jovens a uma preocupação social, a práticas humanitárias de se ‘preocupar com’ ou ‘cuidar’ do outro. Houve uma postura cidadã que, na fala dos jovens tanto em SP capital quanto em Pindamonhangaba, atravessou as diversas HGs.

*“(...)nós fomos num Lar de Velhos (...), arrecadamos alimentos e levamos até lá, então essa foi a parte que eu mais gostei, poder saber que eu posso tá ajudando a outras pessoas.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Ressaltando uma das importâncias das HGs uma participante informa que *“nós fizemos uma parceria com a Prefeitura e com a Secretaria de Saúde (...).”*

Para além dos trabalhos específicos que foram ali desenvolvidos, a participação de jovens junto a órgãos públicos e em serviços de contato com o público lhes dá uma visão das questões em jogo e, ao mesmo tempo, uma visibilidade para a tarefa que estão desempenhando.

*“A nossa sala fez o HG em Cidade Limpa. Nós fizemos uma parceria com a prefeitura e a prefeitura cedeu pra gente faixas, alguns panfletos a gente fez também e num sábado a gente ficamos na praça, parando no farol, entregando panfleto com a faixa, conscientização as pessoas de que a cidade tá muito suja, que as pessoas precisam ter mais cuidado com o ambiente em que vivem, a praça sempre tá muito suja, nós ficamos uma manhã todinha ali, ficamos até uma hora da tarde fazendo esse HG.*

*Porque era uma vez por semana a gente saía para fazer HG, então cada HG tinha um modo diferente, nós fizemos esse e outro nós entramos em parceria com a Secretaria de Saúde daqui e fizemos, no dia primeiro de dezembro, que é o Dia Mundial de Combate à AIDS, nós fizemos também. Foi separado grupos pra poder ir até o Posto de Saúde e lá a gente conscientizava as pessoas também. Na frente do Posto de Saúde tinha uma mesinha e nós entregava panfletos, conscientização sobre a AIDS e sobre a tuberculose também. E, antes disso, teve um pessoal que foi na escola, teve uma palestra explicando pra gente melhor e a gente lá na frente do Posto, a gente encaminhava as pessoas até lá dentro pra poder fazer o exame da tuberculose, pra ver se tinha.(...).”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Mas nem tudo são flores. Claudia, uma das instrutoras de Pindamonhangaba dá um depoimento:

*“Uma coisa que foi interessante na última semana a gente pediu pra eles saírem e verem quais instituições poderiam fazer um trabalho voluntário, fazer um levantamento na cidade. Um grupo foi no Lar de Velhos. Eles voltaram frustrados porque disseram pra eles que a única coisa que eles estavam precisando lá era de alguém pra cortar cabelo, e eles não sabiam fazer isso, então eles vieram revoltados: ah! só pode cortar cabelo!”*

Ao vivenciar este emperramento burocrático por parte de funcionários da instituição onde se propunham a prestar serviços, os jovens também tiveram que administrar suas próprias frustrações para não desistir da tarefa.

Na fala abaixo, ainda sobre uma visita ao Lar de Idosos, fica claro que a HG não é uma formalidade ou tarefa burocrática a ser cumprida mas que é percebida como aprendizado de vida:

*“(...) eu acho que isso é ser humano. Então eu gostei muito de poder estar ajudando, de poder tá me mostrando, ser uma pessoa útil pra eles, de a gente sair pra arrecadar alimentos pra eles, então eu acho que isso é um ato importante que todo ser humano deveria praticar.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba)

*“Nós tivemos lá no Lar de Idosos também; não tivemos lá só fazendo uma visita pra eles, passamos uma tarde lá com eles, os meninos cantaram, visitamos os quartos, conversamos mais com as pessoas, procurando saber quem são elas, por que elas estão ali, arrecadando alimentos também. Eu acho que o HG foi importante pra gente, como eu falei no início, despertou a solidariedade dentro da gente, foi importante.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

No GF da comunidade, a mãe presente fez longo relato sobre a conversa mantida com sua filha que também participou desta HG. Aí se ressaltam a possibilidade e a importância de compartilhar histórias de vida entre gerações.

➤ **Solidariedade e cidadania:**

O Projeto despertou novos valores implementados através das HGs: a solidariedade e o ato de cuidar como valores e posturas que ultrapassam a tradição assistencial

integrando-se a práticas de cidadania, um conceito recém entrevistado e exercido por estes jovens que também se percebem como parceiros do poder público :

*“Eu acho que o projeto foi importante pra gente porque ele despertou a solidariedade entre nós.(...) a gente visitou asilo, a gente teve fazendo campanha junto com a prefeitura, isso foi importante, dá prazer em a gente ajudar outras pessoas que precisam e a gente tá colaborando com a cidade pra poder mostrar, passar conhecimento, a gente teve fazendo campanha sobre a AIDS (...)”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

*“E mais ainda, nas campanhas que eles desenvolveram, eles se tornaram pessoas solidárias e eu tenho certeza, Deus queira que eu viva mais uns 40, 50 anos, pra encontrar um desses jovens no tempo futuro barbado, eles vão recordar da cidadania deles, isso basta.”* (Agente Social do Programa SCV em Pindamonhangaba)

➤ Trabalho em grupo versus individualismo e a “mudança de cabeça” :

Na medida em que o GF ia avançando, a soltura e o entrosamento entre as falas de boa parte dos componentes deste grupo (que durante o curso pertenceram a turmas diferentes) foi sintomática. Percebia-se haver um hábito de discussão de grupo, com capacidade de argumentação e também de escuta do outro.

Durante o GF várias pessoas afirmaram que o curso as tinha feito “mudar de cabeça”. Como é isso de “mudou a cabeça”, perguntei?

*“(...) a primeira vez que eu lembro que a Sula (instrutora) chegou e falou que a gente tinha que aprender a trabalhar em grupo, eu não gostei da idéia porque eu sempre fui muito individualista (...) e agora eu não sou mais assim, eu aprendi que a gente tem que dividir as nossas qualidades, os nossos defeitos, a gente tem que conversar com as pessoas, pra poder aprender mais (...) eu sei que a gente tem que aprender a dividir mais os nossos sentimentos, a gente tem que aprender a viver na comunidade, a gente tem que estar sempre em contato com as outras pessoas, a gente não tem que viver no nosso mundo. E foi importante porque ela deixou bem claro isso, quanto ao preconceito, quanto à discriminação, eu acho que isso daí foi bem importante pra nós, mudou a minha forma de pensar.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Note-se que o entusiasmo do discurso é contagiante mas o tempo verbal da fala ainda é imperativo- “tem que”, “tem que”. Da teoria à prática há uma distância: a ‘mudança de

cabeça’ e da ‘forma de pensar’ precisam das condições e do exercício cotidiano da cidadania para se efetivarem como forma de agir, como postura adquirida.

*“(...) eu aprendi bastante coisa, mudou a minha cabeça, minha forma de pensar. Antes eu também não gostava de ficar trabalhando em grupo, gostava de ficar só no meu canto, lá não, lá eu aprendi bastante coisa, foi muito gostoso mesmo.”* (Outra jovem participante de Pindamonhangaba)

Foi refletindo sobre o antes e o depois da HG junto a um lar de idosos que o jovem parece ter adquirido consciência da importância do que estava fazendo, da importância para ele próprio:

*“(...) antes de eu visitar o Lar de Velhos, antes de eu correr atrás e tentar arrecadar alguma coisa, eu não achava nada pra mim, eu não via importância nisso, e também nem mesmo de me misturar com essas pessoas, pra mim eu não gostava e, assim, poder participar, poder mostrar pra eles que eu tava afim de ajudar e vendo que eles precisam da gente como a própria Selerina (outra jovem participante) falou, eu acho que isso é ser humano”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba)

Possivelmente é aí que começa a ser transposta a ponte entre o imperativo, o que deve ser, e o efetivo, o que é.

O agente social do Programa em Pindamonhangaba puxa alguns fios e chama a atenção sobre a cotidianidade deste processo de transformação:

*“(...) alunos que tem problema com pai que bebe, alunos que tem problema com mãe, alunos que não falam com irmão há não sei quantos anos e de repente esse problema que ele tinha na vida era apenas um problema simples com o diálogo, com toda aquela formação humana que ele ia receber no dia-a-dia, ele teve essa fé que ele poderia estar resolvendo isso dentro de casa e começou a se preocupar com problemas que não estavam dentro da sua casa, mas sim que estavam fora e que as pessoas não tinham esse conhecimento que eles tinham, e também o tempo para resolver. A cada gesto de doação de alimento, a cada lar que visitou, a cada diálogo, a cada jogo esportivo que ele estava fazendo com outros grupos, ali tava acontecendo a formação humana.”*

➤ Informática, a habilidade específica:

Talvez um pouco na contra mão do previsto, foram raros os participantes a debruçar-se exclusivamente sobre um dos aspectos do curso quando perguntados sobre a parte do programa ou trabalhos que mais gostaram:

*“A parte da informática que me ajudou bastante, eu quero que me dê uma oportunidade pra mim trabalhar em computadores por Pinda, arrumar um serviço melhor, porque eu tenho uma base.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

Mas o computador também representa um símbolo e uma promessa de ascensão social:

*“(...) eu consegui aprender muita coisa com esse projeto, como por exemplo (...) sobre a formação humana, sobre o computador, muita gente como nós agora assim, eu não sei deles, mas eu nunca tive oportunidade de mexer com computador, pra mim realmente foi uma coisa muito legal, tanto que às vezes eu pego a minha apostila, eu olho, eu tento rever alguma coisa pra mim sempre estar lembrando porque, em breve, se eu comprar um computador eu vou saber mexer, se eu entrar em algum lugar pra trabalhar eu vou saber mexer o computador, então pra mim foi uma coisa muito importante (...).”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

## Pindamonhangaba

### Detalhe do Grupo Focal dos Jovens



## 2. Apoio da Comunidade

Como a comunidade pode contribuir para um bom aproveitamento da disponibilidade e do desempenho destes jovens?

As duas comunidades tiveram dificuldade em responder à esta questão, sendo que a dificuldade maior foi em SP capital. Cabe aqui uma correlação com questão idêntica formulada aos jovens: “Você tem sugestões para melhorar a participação dos jovens junto às suas comunidades?”, onde houve muito mutismo e, inclusive, um “*Podemos pular esta pergunta?*” (aliás a única fala deste jovem durante o grupo de SP capital !).

A impressão era de que ninguém - jovens e comunidade- esperava aquela questão e era desagradável, quase absurdo que ela fosse colocada.

Mas vale lembrar que os jovens vinham “aquecidos” pelo curso e as HGs enquanto que as comunidades estão pouco atuantes, como que tivessem perdido sua memória histórica, é grande a desmobilização.

No GF em Pindamonhangaba, o empresário presente disse que acha que a sociedade não está preparada para receber estes jovens e o agente social completa que: “*A sociedade não sabe onde vai encaixar o voluntário.*”

Parece-nos que a dificuldade de receber os jovens é maior onde, aparentemente, existe menos trabalho social coletivo em andamento e a representação comunitária se apresenta muito dispersa e individualizada.

A fragilidade de organização interna às comunidades é seguramente um reflexo das inúmeras carências históricas e cotidianas às quais, sobretudo os setores mais pobres e empobrecidos, estão expostos. Esta fragilidade parece conter dois problemas recorrentes: por um lado, se espelha na dificuldade em estruturar demandas e ofertas de serviços a partir da própria comunidade; por outro e ao mesmo tempo, mantém a comunidade muito dependente de organismos externos, sobretudo da área governamental e de poderes locais.

As comunidades, aparentemente, já não se sentem co-responsáveis pela formação e produtividade de seus jovens. Este desligamento foi uma reação mais perceptível entre os representantes do Parque Novo Santo Amaro, área mais pobre da zona sul de S.P., do que entre o leque social mais amplo composto pelos representantes presentes ao GF em Pindamonhangaba.

## **2.A – SÃO PAULO**

Em São Paulo a questão de como a comunidade pode contribuir para um bom aproveitamento da disponibilidade e do desempenho destes jovens parecia totalmente nova e, em certo sentido, incômoda para o grupo. Apenas três das nove pessoas presentes ao GF entrevistaram sobre este ponto. Mas instigar a discussão sobre o papel da comunidade em relação aos seus jovens gera também uma possibilidade de comunicação e de articulação entre as partes. (Que, a nosso ver, é uma das funções do GF e foi nisso que apostamos!)

As propostas em SP capital giraram em torno das necessidades mais imediatas da área de educação, suprimindo as lacunas do quadro efetivo de funcionários no ensino público. Atribuiu-se grande importância ao trabalho em grupos de pares, jovens que passaram pelo Programa dialogando com os estudantes das escolas locais, fazendo “palestras” sobre temas variados.

Fabiana, vinculada ao Projeto Frente de Trabalho (SERT) e também à Associação de Moradores, opina que: *“Se um jovem assistir uma palestra de outro jovem ele pode mudar. No caso das drogas, por exemplo, como eles se sentem, como vivem bem sem elas.”*

Esta moça propôs que os jovens, em sua qualidade de multiplicadores, atuassem como ‘Amigos da Escola’. Ela propôs também que *“os jovens cidadãos poderiam ministrar palestra sobre saúde, meio ambiente, cidadania e ética”* junto ao Projeto Frente de Trabalho que recebe pessoas de 18 a 50 anos e tem pessoas trabalhando nas instituições do bairro. Na medida em que pessoas de 50 anos têm filhos de 18, ela acredita que *“O pai teria um paradigma e passaria isto para seus filhos.”*

A dificuldade não era só em separar mas também em articular campos de atuação e responsabilidades da área governamental e da sociedade civil tende a explicitar-se como

lamento ou queixa de parte da comunidade e, dada a grandeza do problema, sem alternativas de solução.

O presidente da Associação e Movimento de Moradores do Parque Novo Santo Amaro, esclarece que existem quatro colégios, dois públicos e dois particulares, na área e que recebem crianças da 1ª à 8ª séries, chegando até a 1ª série do 2º grau. Duas destas escolas situam-se dentro do Parque, havendo necessidade de mais escolas embora não haja espaço disponível para construção.

A Associação participa de um projeto de final de semana com adolescentes. O presidente da associação vê as atividades desportivas e culturais como uma forma de “tirar da rua” ou “gastar o tempo” dos jovens para tentar retirá-los “de outras atividades não aconselháveis.” Ele informa que no colégio estadual José Porfírio há um projeto de trabalhar com jovens deficientes através de música, da capoeira e atividades culturais nos fins de semana, além de escola de futebol durante a semana. E conclui: *“Temos que ampliar as atividades com os jovens cidadãos, com jovens trabalhando com outros jovens.”*

Na sua qualidade de presidente de Associação de Moradores, Paulo talvez por se perceber mais pressionado, atua como bombeiro. Parcerias e demandas específicas, claras, aos diversos poderes não foram aí expressas.

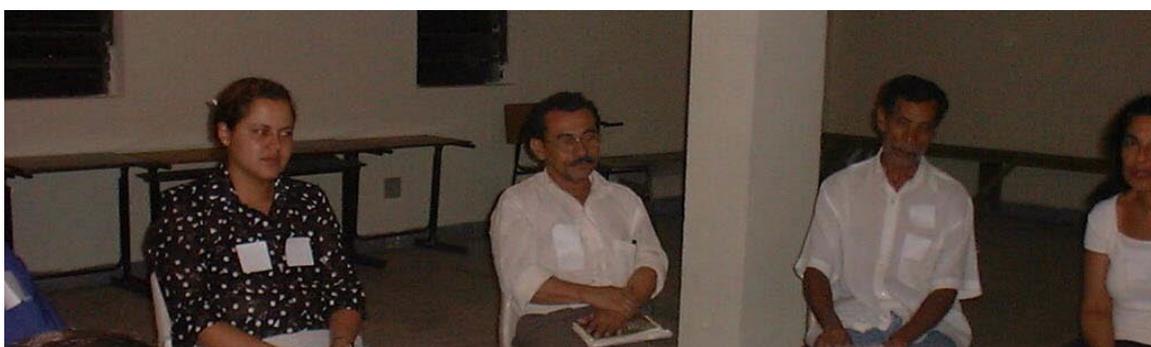
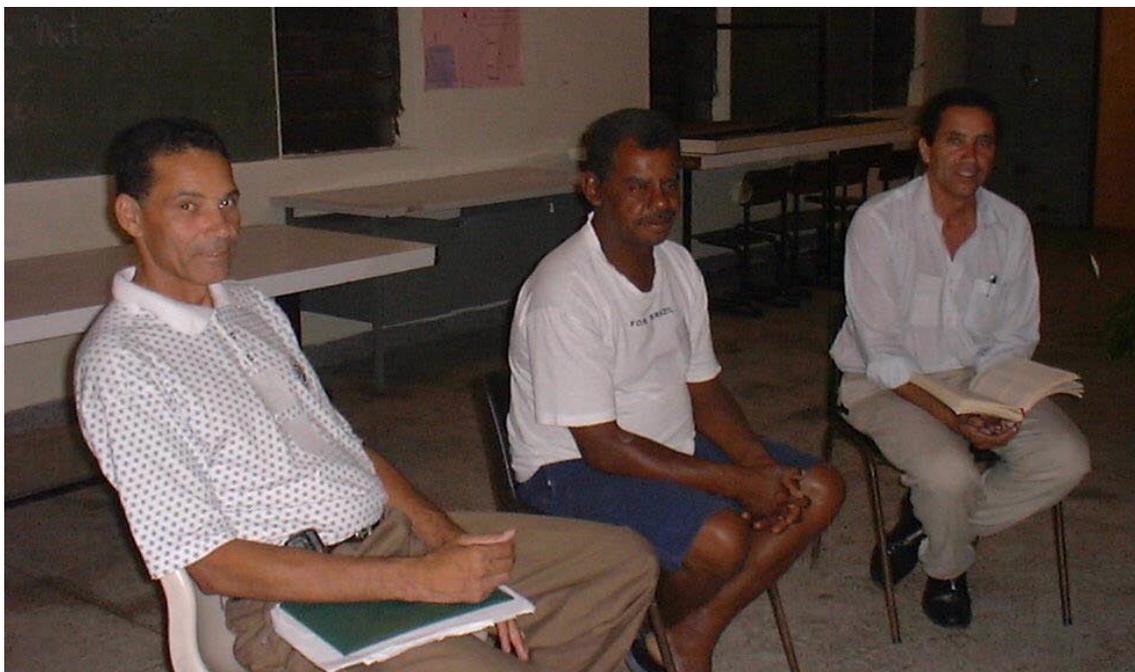
O instrutor do grupo de jovens, Lora, assume uma clara posição institucional informando sobre os canais abertos aos jovens a partir do curso do Programa SCV:

*“Ele informa que a Eletropaulo gostou muito do trabalho de distribuição de panfletos e que a empresa já entrou em contato com a Ágora para aproveitar os jovens em outras atividades. Dos 30 jovens deste grupo, 18 se prontificaram a fazer o trabalho junto à população e também especialmente com as crianças que soltam pipas.”*

Lora também informou que existe possibilidade de trabalho junto a algumas empresas que são parceiras do Projeto. Dois jovens foram chamados para estágio em empresas mas não foram selecionados. Eles disputaram espaço com outros jovens do próprio Programa SCV. O certificado deste tipo de estágio funciona também como currículo a oferecer para esta e outras empresas.

## Parque Novo Santo Amaro

### Detalhes do Grupo Focal com Representantes da Comunidade



## 2.B - PINDAMONHANGABA

Também aqui foi difícil chegar a propostas de acolhimento ativo dos jovens por parte da comunidade; a tendência maior foi de avaliar positivamente o curso e solicitar providências ao Programa SCV.

Aqueles que estiveram mais próximos ao desenvolvimento do Programa SCV , sobretudo Marcos e Charles, reconhecem o quanto aprenderam através das atividades do Programa e se humanizaram no contato com os jovens.

Charles, empresário e responsável pela área de informática no curso, se propôs a dar apoio aos jovens para procura de emprego:

*“No último dia que eles estavam fazendo a parte de informática eu pessoalmente entrei na sala, meu sócio também, e nós conversamos com eles que assim que eles terminassem o Projeto, a gente estaria ali assumindo um compromisso com eles (de) ajudá-los a desenvolver um currículo melhor, esse currículo nós estaríamos encaminhando pra Associação Comercial (...) (que) tem uma bolsa de empregos (...) (...) ALCAN, Aços Vilares, são empresas grandes que estão no nosso município, que podem ser informados (...) (de que) existem 120 jovens cidadãos que tem capacitação na área de informática, que tem formação humana (...) (e) a formação humana, ela não é menos importante que um curso de formação técnica, ela é muito mais! Hoje uma empresa, ela não vê o cidadão como máquina, vê como homem. (...) O Sindicato do Comércio, ele tá ligado com um órgão que chama CIEE, que é um órgão responsável por seleção e encaminhamento de estágio, (...) as empresas (que) hoje precisam de um estagiário (...) buscam no CIEE, (...) agora pra isso (inscrever-se no CIEE) (...) existem alguns regulamentos: tem que estar estudando (...) (...) eu posso abrir na minha empresa uma vaga pra um ou dois estarem fazendo estágio, mas não poderia abrir isso pros 120; mas eu acho que a própria bolsa de empregos que existe aqui na Associação Comercial, nós temos o FAT que é o Fundo de Amparo ao Trabalhador também em Pindamonhangaba (...)”*

Após esta fala propositiva do jovem empresário, Rosiléia (mãe de uma participante) cobra maior efetividade do Projeto para que os egressos do curso possam acreditar que “valeu a pena” porque “pelo menos da minha filha, a idéia dela não é de ter ganhado

(a bolsa e o transporte), *mas sim de continuar esse Projeto, essa participação, de ter alguma coisa pra fazer. Lá, durante as aulas, cada um tem o seu horário, mas e fora desse horário de escola? Então, saiu da escola, que eu vou fazer? ”*

Rosiléia desabafa o seu (que é o outro) lado da moeda que, para além da questão financeira, trata da urgência da manutenção e alargamento do aprendizado dos egressos e da garantia de continuidade de uma ocupação produtiva do tempo dos jovens:

*“ Porque a gente tá aqui contando, falando, pra nós é uma coisa, e pra eles que têm Projeto e que levou o currículo e que acreditou nesse Projeto, que pelo menos um trabalho, pra eles verem que esse Projeto valeu a pena, pelo menos pra eles começarem (...) agora se vai dar certo, se eles vão acostumar no trabalho, isso daí já é problema deles, mas eles precisam começar de alguma forma, nem que seja para cair e levantar, pra tropeçar, mas eles precisam começar, porque só dizer vamos fazer, o Projeto táí, tem currículo, tem isso, tem aquilo, todo mundo fala, agora precisa ver quem vai fazer, se vai fazer, que nem a minha filha mesmo a Lúcia, ela fez bastante currículo e ela tá muito interessada e eu também tou mandando os currículos dela... Enfim tô acompanhando ela e ela também se interessou muito por esse Projeto, tanto que ela falou assim “mãe, pergunta de que idade que vai ser, que daí a Luciléia, o Luciano pode até entrar nesse Projeto.”*

Individualmente as pessoas da comunidade solicitam providências de continuidade, encaminhamento para emprego/estágio ao Programa, Rosiléia continua:

*“Então se tem meio período, um período, 2 horas, 3 horas de trabalho, olha o quanto eles não vão ganhar por isso, então pra mim é muito importante eles terem alguma coisa pra fazer, não só um currículo bem feito, não só umas palavras bem colocada, mas alguma coisa pra eles puderem falar, o Projeto foi bom, porque não só foi falado, foi colocado e foi cumprido o que foi falado.”*

A ponte entre o Projeto e a comunidade não é um dado realizado através do curso, não é automática; antes é algo a ser construído, um novo desafio a ser enfrentado. Há uma tendência a louvar o Projeto e cobrar o que ainda lhe falta fazer. Há pouco hábito de sistematizar o que a comunidade tem a oferecer e de aproveitar das disponibilidades e dos novos conhecimentos adquiridos pelos seus jovens. Ainda há poucas falas que explicitem o desejo e a forma de estabelecer uma ponte, uma possível e necessária ligação entre o Projeto e a Comunidade .

Sebastião, responsável por uma ONG, Casa Abrigo para crianças e jovens, chama a atenção para as alternativas gestadas a partir da sociedade civil. Aqui o Projeto é visto como um incentivo ao trabalho voluntário, à solidariedade que também se traduz em experiência e possíveis contatos profissionais:

*“É o seguinte: a concorrência é bastante grande, porque eu percebi o seguinte: eu posso não estar empregado, que nós vivemos numa sociedade capitalista, você vale o que você tem, entre aspas, mas o que eu percebi que foi interessante, que embora eu não esteja empregado, eu sou útil. Acho que isso fez uma grande diferença, aí a sociedade vai ter que começar a chamar, e a sociedade que eu falo é a questão dos hospitais, das creches, alguém vai ter que estar movimentando essa sociedade que é até um pouco cética em relação ao jovem, pra tar convidando ele que já recebeu esse impulso. Então eu não tenho trabalho, eu estudei até o meio dia, mas das 2 às 4 eu vou contar história na creche, eu vou ler pra o velho, resgatar isso e com isso ele consegue avançar e automaticamente ele tem ânimo também pra tar correndo atrás do emprego, insistindo atrás do emprego. Eu acho que essa solidariedade, essa palavra foi colocada no dia-a-dia e isto vai estar sendo o grande diferencial.(...) (Sebastião narra a transformação no comportamento de um de um dos moradores da Casa Abrigo que participou do Projeto, mudança percebida e verbalizada pelo próprio jovem, e conclui)... e aí eu falei: opa, tá acontecendo coisa boa, então tudo aquilo que já é a nossa prática enquanto ONG, de passar a responsabilidade, a autoridade dele, nós agora estamos aproveitando com muito mais força, então a mãe, o pai vão ter essa oportunidade de olha, você não tem um trabalho, mas quem sabe você ir lá na Dona Chica, dá uma lida de livro, vê o que pode arrumar na casa dele, no quintal dele e de repente pinta um trabalho, pinta alguma coisa; eles têm um computador lá, tá com a mão quebrada, não pode fazer uma carta, você faz, ele te dá uns dez reais, você se anima. Essa solidariedade com a cidade eu acho que foi o grande diferencial, e isso não dá pra tirar mesmo, fica, não dá pra tirar mais.”*

Neste ínterim Charles comenta que a sociedade não está preparada para receber, formar e bem aproveitar este jovem.

Claudia, instrutora, assegura que a escolha e a realização das HGs foi feita pelos jovens *“e é isso que eles continuam querendo fazer, então eles foram atrás, procuraram e*

*pouco conseguiram de retorno do que eles poderiam estar fazendo como voluntários, sendo que esse ano é o ano do voluntariado.”*

Sebastião parece entrever que nas dificuldades e mesmo na crise pode-se construir, que daí pode resultar algo novo e positivo:

*“(…) E aí que acho que é positivo, eu já falo assim animadamente, esperançosamente, porque eu quero estar mantendo contato com esse grupo, com os instrutores, embora o Projeto já tenha encerrado essa fase de estar colocando esses grupos lá dentro (da Casa Abrigo), porque essa garotada faz uma coisa muito importante, usá-los dentro da entidade, porque a minha entidade tem esse número grande de jovens, é um entra e sai o dia inteiro e colocá-los lá dentro, e que esses (e) outros jovens da sociedade possam se utilizar disso, estar falando pra sociedade: tá aqui eles têm utilidade.*

*Quando eu trabalhava no Conselho Tutelar eu tinha essa dificuldade: um jovem queria dar o seu trabalho a alguma entidade e era-lhe negado, eu não sei o que ele vai fazer, eu não quero que ele venha fazer nada aqui. E aqui nesse conflito agora, nós temos um batalhão bem preparado aí, agora é mais complicada a conversa.”*

O círculo desta parte das discussões como que se fecha com Charles fazendo a contra parte das preocupações sociais de Rosiléia, quando esta argumentava que a comprovação de que o Projeto “valeu a pena” ficava na dependência da situação dos jovens egressos. Observando a responsabilidade da sociedade a partir do ângulo institucional, Charles conclui que, ao não haver para os jovens egressos uma colocação no mercado, uma prática das habilidades e sensibilidades adquiridas, o Projeto, que é anual, perde em credibilidade:

*“Agora eu vejo uma outra coisa também, como é um Projeto que a idéia é ele dar continuidade ano após ano, a sociedade tem que arrumar alguma coisa sim, porque senão no próximo ano, quando nós formos alavancar outros jovens pro projeto, aí nós vamos ter criado um conflito, porque aqueles jovens que já passaram pelo Projeto vão dizer: a gente foi, mas não deu em nada, eu acho que pra o sucesso do Projeto que vem a seguir teríamos que a sociedade se organizar e arrumar alguma coisa pra esses jovens realmente fazerem, porque senão nós vamos estar criando uma grande interrogação: aconteceu o Projeto, foi muito bom, o ano que vem vai ter outro Projeto, esse irmão mais velho vira pra ele e diz: ‘ah! bobinho vai lá não, a gente vê um monte de coisa mas não consegue fazer nada’. Então aí nós vamos criar um conflito, nós*

*temos que pensar sério nisso, é colocar a sociedade pra se movimentar, os hospitais, casas, empresas também porque senão nós não vamos ter uma válvula de escape.”*

## Pindamonhangaba

### Detalhes do Grupo Focal com Representantes da Comunidade



## Pindamonhangaba

### Detalhes do Grupo Focal com Representantes da Comunidade



### **3- Solicitações e sugestões ao Programa SCV.**

#### **3.A - SÃO PAULO - JOVENS**

*“Eu só achei que (o curso) foi muito corrido, então eu acho que deveria ter mais tempo, tempo até quase 6 meses... e também divulgar melhor”* (Um jovem participante de S.P.- capital).

E este mesmo jovem propõe que para *“divulgação já que tem uma parceria grande com a Eletropaulo, bastante empresas estão patrocinando...podia ser divulgado através da televisão, de rádios, cartazes, faixas em prédios mesmo, que nem as associações, em escolas, sei lá todo tipo de lugar público seria legal uma divulgação. Nossa sala mesmo ficou faltando gente, foi 29, acho que nunca chegou a 30, ...a apostila foi 10, foi bem elaborada, eu não sei exatamente o que melhoraria, só o que eu achei foi o tempo curto e a divulgação.”*

Foram feitas algumas reclamações relativas a procedimentos administrativos da Ágora:

Uma das grandes reclamações é em relação ao lanche:

*“(...) o lanche sempre era a mesma coisa...pão com mortadela e um copo de refrigerante (...).”* (Um jovem participante de S.P.- capital).

Com a mesma quantidade de tíquetes o grupo conseguiu uma alternativa ao pão com mortadela, *“(...) e a gente teve que se virar pra não comer só o pão com mortadela . (...).”* (O mesmo jovem).

*“Como é que foi? A gente ia trocar os tíquetes, aí trocava, foi de 4 em 4 pessoas, cada um pegava o sorvete e voltava, aí ia mais 4 e voltava. Foi, deu pra todo o mundo o sorvete.”* . (Uma jovem participante de S.P.- capital).

Mas alegam que o montante de dinheiro disponível para o lanche é muito pequeno:

*“ A conclusão é que foi um teste de sobrevivência, porque 15 reais pra 30 pessoas, dividindo dá 50 centavos pra cada um, com 50 centavos você não come nada, se você for comer com 50 centavos lá em Santo Amaro, lá no centro mesmo é um hot-dog (...).”* (Um jovem participante de S.P.- capital).

Outra reclamação relativa a procedimentos administrativos foi sobre falta e atraso de vale transporte/ passe:

No caso do passeio ao Museu do Ipiranga, para que todos pudessem ir, os alunos tiveram que conseguir a cessão de um ônibus junto a uma em empresa, além de pagar uma parte.

Os atrasos na entrega dos vales também levaram a problemas para assistência às aulas de informática em Taboão da Serra: *“(...) às vezes a agente tinha que tirar do nosso bolso mesmo e correr atrás e era difícil, eu fiquei até meio chateado pelo acordo ser eles (Ágora) darem o passe e de repente atrasou muito e foram várias vezes (...) atrapalha as duas partes, atrapalha a gente, que a gente não vai e atrapalha lá porque tinha aula programada, aula marcada e a gente não foi (...)”* (Um jovem participante de S.P. - capital).

Ainda outra reclamação se refere ao tratamento percebido como desigual no dia da apresentação da peça de teatro e que os jovens classificam de “preferências” de um grupo em detrimento dos demais. Eles alegam que um grupo, fazendo a apresentação do evento além da sua apresentação específica, dispôs de mais tempo que os demais.

### **3.B - PINDAMONHANGABA-JOVENS**

Os jovens de Pindamonhangaba fazem eco à proposta dos jovens da capital sobre o alongamento do curso: três semanas de informática com quatro horas de aula por dia foram insuficientes.

Fala de uma participante que teve a aprovação dos demais:

*“(...) a gente não conseguia assimilar tudo, foi muito rápido, não só a informática, mas o curso inteirinho. Eu acho que devia ter mais tempo.”*

Eles propõem que o Projeto seja de seis meses, sendo 3 para informática e 3 para cidadania.

Na parte administrativa sugerem também, citando vários momentos em que tiveram que pagar do próprio bolso, faltar a aulas, deslocar-se de bicicleta sob forte sol por mais de 20km., situações de acidentes ou longas distâncias a pé por não disporem de vales transporte. Portanto, um panorama de falta e desorganização na distribuição dos passes semelhante ao referido pelos participantes de SP- capital.

Os jovens de Pindamonhangaba reclamaram vivamente da qualidade da divulgação dada pela imprensa escrita:

*“Eu queria reclamar aqui: uma vez, no começo do curso, teve uma jornalista que colocou no jornal que nós somos jovens carentes. Eu acho que não é bem assim, ficamos bem chateados mesmo.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba)

*“De alguma forma, ela agrediu, humilhou a gente, no jornal saiu em letras garrafais – “jovens carentes”, tinha algumas outras coisas falando, eu não me recordo direito, mas muita gente ficou chateada, teve gente que quis sair do curso, mas culpa da jornalista. Ela publicou uma matéria que eu acho que não era bem isso, antes ela tinha que vir conhecer o Projeto, saber o que a gente fazia pra depois sair falando, não foi o que ela fez, ela saiu falando qualquer coisa e não foi legal, a gente não gostou.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Os participantes não usaram direito de resposta e só com a visita da vice prefeita e de um vereador à Escola Comercial e com a divulgação da HG sobre Cidade Limpa é que o trabalho do Projeto Jovem Cidadão apareceu positivamente na imprensa.

Os participantes também discordaram e reclamaram da inscrição no vale lanche distribuído na festa de formatura em São Paulo onde constava “projeto combate à fome”, argumentando que não estavam lá em função do lanche e que o projeto era profissionalizante:

*“A forma que eles falam muito explícita acho que machuca a gente de alguma forma (...) não era um projeto contra fome, não era isso um projeto pra pessoas carentes, era um projeto que tava ajudando a gente, era um curso profissionalizante (...)”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba)

Outra jovem de Pindamonhangaba referindo-se ao dia da formatura em São Paulo:  
*“Achei sacanagem, tava escrito assim vale um lanche, projeto combate à fome, tava escrito no vale de lanche, eu achei a maior sacanagem que eles fizeram, parecia que a gente tava lá mendigando pra comer lanche.”*

*“O curso, eles queriam tirar as pessoas dos bairro de má aparência, que as pessoas passam dificuldade, tirar as pessoas dos bairros, pagar comida e estudo. Eu acho que*

*não é bem assim, a gente não tá passando fome.*”(Um jovem participante de Pindamonhangaba)

Isto parece indicar que tanto a imprensa quanto os beneficiários percebem e tratam a noção de “carência” e de “combate à fome” de forma literal e pejorativa. O combate à fome, não está sendo tratado e recebido como uma estratégia da luta mais geral contra a miséria. A indignação exposta por estes jovens é semelhante a de outras populações marginalizadas participando e sendo oficialmente beneficiadas por diversos tipos de projetos. O “combate à fome” parece-lhes mais uma estratégia da elite política e um discurso acadêmico do que uma perspectiva com a qual possam identificar-se.

Por outro lado, estatisticamente, os atuais participantes do Programa estão classificados numa classe modal de renda familiar mais alta que as turmas de 1999: enquanto em 1999 60% das famílias tinham renda entre 1 e 3 salários mínimos, em 2000 esta classificação vale para apenas 37% das famílias.

Tendo sido pedidas sugestões para melhorar a participação dos jovens no Programa, um jovem pede para não gravar, é atendido e diz: *“aumenta o salário que todo mundo vem(...).”*<sup>14</sup>

Aqui falou-se um pouco de tudo, desde o processo de seleção de candidatos ao curso, passando por julgamentos morais de quem deveria ter acesso ou não a que vantagens oferecidas pelo Projeto, até o apontar de ambigüidades sociais (e com as quais um Projeto como este tem de lidar) do tipo “interesse financeiro versus interesse de aprendizado”, mas tratando-as quase que como denúncias.

Sobre o processo de escolha e seleção de participantes, uma jovem propõe que *“tem que ter um processo mais seletivo, porque dentro do curso tinha pessoas que estavam não porque queriam aprender, mas por causa do dinheiro (...) (e que) além de*

---

<sup>14</sup> Interessante ver que havia uma ponta de ironia, mas também de temor em expor-se (como politicamente incorreto?) e que a ‘bolsa’, um apoio eventual, foi chamada de ‘salário’, uma remuneração sujeita a orientação legal.

*preencher a ficha, tem que haver uma visita para ver quem quer aprender mesmo e quem vai só por causa do dinheiro.”*

Outros dois colegas concordam e no grupo ninguém esboça qualquer posição diferente. Por algum tempo a conversa gira em torno de o curso estar representando um atrativo financeiro e de como evitar ou se prevenir que isto aconteça.

Outra participante comenta que, com o passe, ocorre situação semelhante: havia quem o pegasse e vendesse porque morava perto e não precisava<sup>15</sup>.

Uma informação de Marcos , agente social, sobre a questão dos passes é importante. Ele diz que *“não consegue ter controle (dos passes) e mesmo porque na semana às vezes ele (o aluno) não vem de ônibus, ele pega a bicicleta e vem, aqui em Pinda a gente teve um caso desses, a gente chegou, conversamos com o aluno, chamamos atenção e o aluno passou a vir constantemente de ônibus; ele alegou que vinha de bicicleta porque às vezes o pai pegava o passe pra trabalhar, porque não tinha dinheiro pra ir trabalhar (...)”* e que o projeto, trabalhando com cidadania, tem de administrar e incluir estas realidades.

Quem é a população alvo e quem efetivamente está participando do Projeto?

Esta questão, além das sintomáticas diferenças apresentadas no quadro comparativo entre as turmas de 1999 e as de 2000<sup>16</sup> ainda parece bastante indefinida e ideologicamente confusa para os participantes. Um jovem lembra que havia quem tivesse boas condições materiais e estava no curso; acrescenta que havia alguém que tinha um Pentium III e estava fazendo o curso pago pelo governo.

Um participante propõe que, ao invés de visita à casa, poderia haver um questionário para ver o grau de interesse e o pagamento poderia ser feito de uma só vez ao final do curso. Aí parece ter acontecido um lampejo de realidade material quando uma das

---

<sup>15</sup> Os critérios sobre solicitação e distribuição dos vales parecem não estar muito claros: todos têm direito ou é segundo as necessidades e, neste caso, como e quem as aferiria?

<sup>16</sup> SERT-DIEESE 2000- Apêndice- Quadro comparativo entre as turmas de 1999 e 2000, p.65.

participantes (a que mais se manifestou durante todo o GF) diz concordar com o questionário mas não com o pagamento único da bolsa e apenas ao final do curso.

A clientela prevista para o curso era de jovens na faixa dos 18 anos que não estivessem estudando ou trabalhando mas, lembrou uma participante, havia quem trabalhasse e ainda conseguisse atestado para faltar as aulas por causa disto.

Tendo sido deixado tempo para fala livre, um rapaz e uma moça que pareciam aguardar esta deixa, comentam que o próximo curso teria uma duração prevista de 6 meses e que eles gostariam de fazer o curso mais longo. A jovem complementa dizendo que, como o curso deu certo e eles foram as cobaias, eles querem continuar a fazer o Projeto. Querem mais três meses de curso; acham que não é justo os próximos terem 6 meses e eles apenas três meses de curso.

Perguntados sobre se têm proposta de utilização deste tempo suplementar, as respostas variaram entre aprofundar o currículo do próprio curso, *“a gente ser encaminhado pra um serviço”* e fazer mais HGs e trabalhos de grupo:

*“(...) se a gente tiver mais oportunidade de experimentar isso (trabalho de grupo), de você ter contato com as pessoas, de você poder realizar trabalhos assim (HGs), você um dia vai poder realizar esse trabalho tanto sozinho quanto em grupo (...)”* (Outro jovem participante de Pindamonhangaba).

Além da informação sobre a extensão do curso, parecem também informados e interessados no aumento do número de vagas:

*“Eu acho que não é pedir demais: se pudesse colocar mais gente, e 120 alunos, (...) mais pessoas, 240, em cada cidade.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

Existe a visão de que os da turma antiga poderiam estar auxiliando os instrutores. Perguntados sobre se pretendem fazer um trabalho como multiplicadores, nota-se que desejam assegurar-se mais de seus conhecimentos e práticas:

*“Na verdade (que) o governo dê pra gente uma nova oportunidade, da gente botar mais um pouco em prática o que a gente aprendeu, eu acho que aqui, pelo menos nós, não é nem pelo dinheiro, é mais porque a gente teve oportunidade de aprender, mas só que a gente não aprendeu tudo, porque o curso de informática, por exemplo, a gente*

*aprendeu 4 ou 5 cursos básicos, mas olha quantos cursos têm de informática, então se a gente tivesse oportunidade de aprender mais um pouco seria muito legal, não só de informática, eu acho que de todos os cursos que a gente fez seria muito importante a gente ter a oportunidade de passar um pouco mais a frente e de repente, como ela falou, poder ajudar eles (a nova turma) a passar um pouco pelo que a gente passou. Eu acho que não seria muito o governo dar essa nova oportunidade pra gente, eu acho realmente injusto eles colocarem pra eles 6 meses, sendo que pra gente só foram 3. Seria mais ou menos como se eles tivessem usando a gente apenas pra experimentar o projeto pra ver se realmente ele acerta (...) Eu acho que seria muito legal da parte deles ter essa consideração com a gente.”*(Um jovem participante de Pindamonhangaba).

*“Nós seríamos voluntários, naquilo que nós aprendemos. No Serviço Civil Voluntário, a gente ia estar colocando em prática o que a gente aprendeu, estar ajudando eles, acredito que nós poderíamos auxiliar eles.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba).

A uma pergunta sobre se esta volta ao curso seria em caráter voluntário, sem bolsa, a mesma participante responde que:

*“Não exatamente isso sem bolsa, porque também, pelo que foi dito lá, a bolsa que eles vão receber seria mais do que a nossa, do que nós recebemos agora. Não que venha a ser totalmente injusto isso, mas eu acho que nós deveríamos receber não pelo mesmo valor deles, talvez uma coisa mínima, mas a gente ter os mesmos direitos: lanche, passes, a bolsa não necessariamente o mesmo valor, nós seríamos voluntários, seria decidido em grupo, se não pudesse ser todo mundo, sei lá dividia em grupo, então 4 horas, nós fazíamos duas, a gente ia estar ajudando eles, auxiliando eles no HG, porque quando a gente foi fazer HG, que tinha que ir lá na prefeitura, falar com o prefeito, falar com o secretário, teve uma inibição muito grande nossa, a instrutora teve que ajudar a gente, “não, gente vocês vão lá, eu não posso fazer por vocês”, então agora a gente ia estar auxiliando eles no HG, como que pode ser feito, quais as idéias, o que você pode ajudar, o que nós poderíamos ter feito, mas não fizemos. Teve muita coisa que a gente poderia ter feito e a gente não fez, então a gente ia estar ajudando eles.”*

Em Pindamonhangaba, após a avaliação do GF, seguiu-se uma longa conversa sobre a importância e a dificuldade de contatar o Alexandre Pió, vereador e, inclusive o governador em exercício, Geraldo Alckmin, para obter apoio às iniciativas do grupo no sentido de que retornem ao Projeto.

Como porta voz do grupo uma jovem diz que: *“ele (o vereador ) trabalha na Câmara, mas a gente não tem contato com ele, a gente dificilmente vê, encontra ele, a gente não tem como chegar lá (...) ter até tem, mas ele vive muito ocupado, ele não tem tempo, foi dito (Marcos disse) que nós poderíamos escrever uma carta, mas não pra ele, para ser mandada para São Paulo, não sei exatamente pra quem se era pro governador, não sei, são milhões de cartas, a nossa não seria a carta, seria mais uma. A gente precisava de alguém a nossa frente, nós estaríamos ali, atrás, junto, caminhando com a pessoa, mas a pessoa que tivesse mais entrada, fosse uma pessoa mais pública que pudesse ir até lá, até ele, porque a gente não tem muita força pra poder dizer.”*

Os jovens dizem precisar de alguém para fazer esta ponte com o poder oficial:

*“O Marcos estaria a nossa frente pra poder a gente falar com o Pió (apelido do vereador Alexandre Pereira da Costa), e o Alexandre ele estaria lá em São Paulo com o governador, o Geraldo Alckmin que agora é o governador que tá em exercício em São Paulo. Ele já teve em Pinda, esse final de semana ele tá aqui em Pinda, então o Alexandre tem contato com ele, seria uma coisa que o Alexandre poderia estar expondo pra ele a nossa vontade, porque a gente não tem contato, onde a gente vai encontrar? A gente sabe que o vice-governador tá aqui final de semana, que ele tem casa aqui, que a família dele mora aqui, mas como a gente vai poder tá falando com ele? É isso.”* (A mesma jovem participante de Pindamonhangaba).

### **3.C - SÃO PAULO-COMUNIDADE**

O instrutor do Projeto na comunidade de Parque Novo Santo Amaro acha que *“para consolidar o projeto teria que ter a união de todos da comunidade, escola, associação. Todas as aulas poderiam ser divulgadas em outras instituições, escolas, associações. Uma vez por mês pelo menos poderia haver uma reunião com todos. O projeto deu certo, mas houve pouco tempo. Com a união isto seria prolongado e o trabalho um grande sucesso.*

*O trabalho dos sábados de HG deveria ser feito pelo menos 3 vezes por semana (estas atividades têm 3 ou 4 horas de duração). A violência, por exemplo poderia ser discutida parte em sala de aula e depois em uma escola. Assim, a questão das drogas, de álcool,(...)”*

Fabiana, trabalhando na Frente de Trabalho (projeto da SERT, governo de São Paulo para pessoas entre 18 e 50 anos) propõe uma parceria entre os dois projetos cabendo aos jovens *“ministrar palestra sobre saúde, meio ambiente, cidadania e ética.”*

Edewaldo, vice-presidente da Associação de Moradores, chama a atenção para as insuficiências que deveriam ser supridas pelo governo: *“As condições para os jovens não é só ensinar. O curso é um caminho, mas tem que dar condições para os jovens: esporte, cultura, trabalho. Sem estas condições não adianta nada. O trabalho foi 10 mas se ficar só nisso em 2 ou 3 anos acabou. Cabe ao programa esta responsabilidade, porque as comunidades não têm condições.”*

Se Edewaldo foi excessivamente otimista em relação aos prazos, Juca (assessor da Ass. de Moradores) não perde tempo: *“Eu gostaria de saber se este trabalho vai ter continuidade.”*

Lora responde o que lhe é possível responder: *“Existe uma expectativa. Sábado foi a festa de formatura. 3.900 participaram e a meta para este ano é de 12.000 (...). O ponto principal é a integração entre todos da comunidade, chamando a atenção da mídia, explicando o problema da discriminação e as empresas poderiam se sensibilizar. Houve uma reunião no quartel (onde estão os oficiais), QG da PM e discutimos a importância de os policiais participarem deste tipo de projeto, resgatando a imagem da polícia, incorporando os policiais que se identificam com este tipo de trabalho. Só assim a polícia vai realizar o seu trabalho fortalecendo a corporação.”*

### **3.D – PINDAMONHANGABA - COMUNIDADE**

Charles, responsável pela área de informática no Projeto de Pindamonhangaba, falando sobre a grade curricular, sugere que *“o aluno fizesse informática, em torno de dois, no máximo três dias por semana e os outros dois ou três dias ele tivesse outras atividades;*

*(...) vai um dia pra rua desenvolver um trabalho, (...) é mais difícil, mas eu acho que dá um retorno de aprendizado melhor” .*

Marcos propõe *“que a informática seja durante o período inteiro do Projeto, porque é uma forma de segurar o aluno, principalmente pelo começo, ou que a informática seja intercalada durante os programas (...)”* e faz uma revelação: *“que (o curso de informática seja) durante os 6 meses, 2 ou 3 vezes por semana (...) 6 meses porque a expectativa pra esse ano é de ser 6 meses.”*

Intercalando aqui a questão do curso tornar-se semestral, Marcos diz que o alongamento em questão não aconteceu mais cedo por injunções políticas, mas que, 2001 não sendo ano eleitoral, facilita. *“Esse ano a expectativa de começar mais cedo é justamente por isso, uma das metas que tenham mais tempo e mais aproveitamento, a expectativa de começar no mês de julho, então talvez em maio já se esteja fazendo toda a preparação, em junho já se esteja na rua fazendo o cadastro dos alunos e pra em julho os alunos já estarem em sala de aula. Tá com chance de isso acontecer porque, um: pela experiência desse ano, viu que esse ano o tempo foi pouco e não teve tanto aproveitamento como deveria ter. Outro: o ano passado era pra ter começado mais cedo, não começou por alguns problemas de liberação de verba, já estamos empenhados desde já pra que essa verba seja liberada antes e pra que o Projeto comece antes .”*

Voltando à discussão sobre o tempo e o espaço da informática no Projeto, Marcos acha que, por representar algo novo e importante, a parte de informática deve ser estrategicamente distribuída ao longo da grade ou estar colocada no final do curso de forma a continuar como atração para os jovens. Marcos informa que houve uma perda de *“de 4% a 6% (de alunos) por sala”*, que saíram uma vez terminada a parte de informática.<sup>17</sup>

Charles reforça esta idéia dizendo que, após o término das aulas de informática é bastante procurado para ajudar algum problema prático dos alunos e que, intercalando

---

<sup>17</sup> Na pesquisa quantitativa com participantes do SCV, 31% declararam ter sido o curso de informática a sua principal motivação para participar do Programa, situando esta alternativa em primeiro lugar no ranking geral de motivações (SERT/DIEESE 2000 – P.50).

as aulas de informática, os alunos poderiam estar utilizando uma parte mais avançada do curso para melhor desenvolver os trabalhos externos. E conclui: “(...) (assim) *eles tão vendo a utilidade da informática, já de imediato no dia-a-dia deles, nesse ponto eu acho positivo.*”

Sebastião amplia e contextualiza a proposta de curso: “...*a oportunidade de outras profissões que não iriam desprezar o conhecimento da informática, mas que seguisse a tendência da região: de repente lá ao meio-dia, um artesão podia ir lá fazer uma apresentação. Não tem espaço pra tanta gente trabalhar na área da informática, mas eu tenho uma queda forte pra artesanato, escultura, marcenaria, alguma coisa prática, e de repente eles se encaminham por ali. Moda é uma tendência muito forte no país agora, tá entrando... então abriria mais espaço também, intercalando com a informática e essa formação toda, nós temos talentos, aí nós também abriríamos, provocaríamos a sociedade pra conversar conosco, de repente dali vão sair dali 4 ou 5 rapazes ou meninas que vão fazer estágio num atelier, aí vai embora, a coisa desencadeia pra outros lados*” .

Claudia confirma que, na parte de formação humana, “*foi muito conteúdo em pouco tempo*” e Marcos acrescenta que HGs importantes para a cidade, como, por exemplo a campanha de educação no trânsito, não puderam ser realizadas por falta de prazo.

A uma pergunta sobre dificuldades administrativas na gestão do Projeto, Marcos responde que devem-se a “(...) *atraso de verba. Como a verba atrasa, atrasa o andamento na cidade, por exemplo, vale transporte; todas as vezes que tinha que dar o vale transporte a gente dava atrasado, porque a verba demorava pra ser repassada e consequentemente o passe acabava (...)* Os alunos ficariam vindo quase a semana inteira vindo por conta, assim os bairros distantes os alunos vinham de bicicleta.”

Uma das promessas no marketing do Projeto era exatamente o passe ou vale transporte e com a falta, além de promessa não cumprida “(...) *houve desistência por isso, (...)* a gente entrava nas salas de aula oferecendo pra eles o curso, o Projeto, o programa, a gente falava do vale-transporte e de repente o aluno chegava até o curso e ele ficou até a metade da informática sem vale transporte.” (Marcos)

Uma longa fala de Charles se debruça sobre as condições materiais e as condições, mínimas, para que se garanta a existência do Projeto: “A topografia da nossa cidade, de bairros mais carentes, que têm uma certa necessidade, são bairros afastados, então nós pegamos aí Moreira César, Vale das Acácias, Araretama, bairro das Campinas, Ipê, são bairros distantes que precisam realmente de transporte, então até pra fazer realmente o cadastro do Projeto o que se procurou fazer: procurou-se colocar necessidades, qual o bairro que tem mais necessidade, qual o bairro que tem mais carência e que isso pode ser de grande benefício para aquele bairro, foi-se buscar esses bairros, não são locais próximos daqui, então não adiantaria nós irmos (...) como o Marcos falou, o Projeto chegou aqui com uma data de atraso, então precisava entregar as fichas depois de 2, 3 dias, nós vamos ter que ir atrás do povo, vamos colocar na rádio, faixa, vamos nas escolas e divulgar isso, nós entramos sala por sala de aula<sup>18</sup>, em tempo recorde a gente conseguiu levantar mais de 160 fichas, pra depois ser feito uma seleção, só que não adiantaria passar esse Projeto pra realidade deles e não dá condições pra eles poderem vir até o Projeto, não adianta falar pra você vai ter um curso, treinamento e vai ser lá no centro da cidade, não tinha nexo, realmente vai ter vale-transporte e eles precisavam, não vai ter outro jeito, houve realmente uma demora no vale transporte, alimentação, nós chegamos a bancar alimentação, nós bancamos durante uma semana, dinheiro nosso, não digo que com o transporte a gente conseguiu fazer isso, mas a gente filtrou até alguns casos excepcionais, a gente tinha alunos que vinha andando, era 2 horas de caminhada, então ele chegava exausto na escola, teve uma secretária nossa que chamou a gente: olha aquela pessoa ali tá esgotada, ele veio andando, duas horas de caminhada que ele leva, não comentava nada com ninguém, mas são situações que aconteceram, por isso a questão de ter valorizado o marketing de vai ter vale-transporte, ajuda de custo (65 reais) e vai ter alimentação, no próprio folheto de divulgação do Projeto, eu cheguei a ler que ia ter alimentação, inclusive almoço em algumas circunstâncias; isso eu vi por escrito! Então só se partiu pra esse tipo de propaganda porque realmente isso constava como matéria, como algo escrito e fundamentado ali e o projeto estava envolvido em tudo isso.”

---

<sup>18</sup> Dados desagregados da pesquisa quantitativa com participantes do SCV mostram que a maioria absoluta deles em Pindamonhangaba tomou conhecimento do Programa através da escola. Nos outros locais, 53% dos participantes tomaram ciência do Programa através de amigos e parentes (SERT/DIEESE 2000, p.56).

Planejar, avaliar, replanejar.

Marcos narra o acidente com um aluno que vinha do distrito de Moreira, que fica entre 15 e 20 km distante de Pindamonhangaba, e que estava sempre perguntando sobre os passes. Um dia ele chegou apavorado ao curso de informática. Havia caído da bicicleta depois que o pneu estourou, danificou a bicicleta e por pouco não foi atropelado por um carro. *“Tem seguro de vida? Tem, mas a gente tem que pensar nisso também.”*

Ele sugere que a localização da escola de informática seja prévia à seleção dos alunos e que na ficha cadastral (antes da seleção) seja aberto um espaço para marcar a necessidade ou não de uso do passe.

Marina, relatora, comenta a sua experiência: *“ Ou então estender esse direito a todos. Às vezes o entrevistador ganha ajuda de transporte tanto quanto ele ganha pelo preenchimento dos questionários, se não tivesse essa verba, de nada adiantaria ele trabalhar com os questionários e olha que a gente paga direitinho pelos questionários, mas é que o transporte é um item pesado no orçamento das pessoas.”*

Charles sugere que *“(…) assim como o governo buscou parceria com escola de informática, com outras entidades pra poder darem continuidade no projeto, também poderia se buscar parceria com empresas de ônibus, daria facilidade pra que a questão do transporte acontecesse de uma forma suave.”*

Este tema foi bastante discutido, inclusive com a informação de que a empresa de ônibus Pássaro Marrom, que tem exclusividade dos transportes urbanos e da ligação interurbana entre São Paulo e Pindamonhangaba, havia-se negado a qualquer parceria, alegando que já participa de outro projeto<sup>19</sup>.

Gradativamente a comunidade vai armando a sua estratégia de funcionamento: Sebastião pensa em formas intermediárias de parceria entre os poderes públicos e a iniciativa privada de forma a distribuir os custos e a otimizar o uso dos transportes em horas de pouco movimento *“(…) que essas empresas particulares que trabalham com fábricas, possam ser acionadas, é uma possibilidade.”* Seu João propõe que seja um ônibus da Prefeitura a buscar e deixar os jovens.

---

<sup>19</sup> O projeto do Dom Bosco, onde os alunos não pagam a condução.

Pegando o gancho da proposta de Sebastião, Charles pensa na ALCAN , a segunda maior produtora de alumínio do mundo, que já *“desenvolve projeto junto com a Prefeitura, montou uma sala de informática num ginásio, nós entramos de parceria com ela, ... é uma empresa que tá aberta a essa parte social”*, mas, cautelosamente, acrescenta: *“não sei se sobrecarregaria a pessoa que está administrando ou coordenando o Projeto, procurando todos esses artifícios, a gente sabe que essas aberturas não são fáceis, mas não custa tentar(...)”*

No “algo mais” da fala livre, algo que não tenha sido perguntado mas que seria importante de ser falado, Juraci imediatamente toma a palavra (pedindo para que não houvesse gravação, no que foi atendida). Ela coloca uma questão bastante pertinente sobre o trabalho voluntário, lembrando a possibilidade de o voluntário vir a representar uma concorrência ao trabalho remunerado e àqueles que têm o seu emprego, o seu trabalho remunerado.

Juraci lembra que, quando se fala sobre primeiro emprego dos jovens, muito se menciona o trabalho voluntário mas que, na verdade, o serviço voluntário não basta porque a pessoa tem que comer e viver.

(Verificada a importância do tema e com aceitação de Juraci, o gravador é religado).

Sr. João explicita a contra face do indivíduo não abastado, do “despossuído”, colocado frente a nosso sistema social: *“Ela tá certa no que ela tá dizendo aí, porque vai pelos trabalhos, cada trabalhador, o jeito é o trabalho, uma pessoa que chega faz mais barato, é o caso dela, eu tô falando no meu trabalho e ela falando no dela, eu acho que ela tá certa.”*

São aqui explorados vários ângulos sobre o trabalho voluntário, desde o processo de sua implantação, que está ocorrendo, passando pelo seu interesse para o sistema neo-liberal e também pelas representações comunitárias e as individuais (todas elas, é bom lembrar, socialmente ancoradas).

Juraci cita uma palestra de Antônio Carlos Gondin, em São Paulo, em que este afirmava que, nos EUA, um currículo que incluía trabalho voluntário tem prioridade sobre outro em que o voluntariado não conste - e se questiona: “(...) *mas no meu pensamento, será que não seria pro país (Brasil), um absurdo até um medo pra aquelas pessoas que têm seu trabalho remunerado?*”

Claudia parece concordar e vai além chamando a atenção para os ganhos no ângulo pessoal: “(...) *as empresas estão vendo que essa pessoa trabalha muito melhor, desenvolve seu trabalho profissional muito melhor do que uma que não faz o seu trabalho voluntário(...) ela tem no trabalho voluntário uma forma de se expressar, de se sentir bem, fazendo uma coisa que ela gosta e tem também o trabalho formal que talvez ela não se sinta tão bem fazendo. Eu acho que o trabalho voluntário não substitui o formal, não tem esse perigo dessa concorrência, porque fortalece muito mais a pessoa.*”

Sebastião não quer escapar aos entrecosques que o voluntariado representa e que vêm como muito saudáveis às várias partes. Recorrendo ao mestre Paulo Freire, se questiona: “(...) *não sei se o meu pensamento é ingênuo (...)*”, ao mesmo tempo em que afirma a sua posição sobre assunto:

*“É uma pressão saudável até pra aquele que é remunerado, porque se o bom voluntário vem e exerce um certo tipo de trabalho na sua escola, de certa forma é a sociedade que não está dentro da escola, no sentido de não estar sendo remunerado, tendo um patrão, mas que está trazendo contribuições e esse professor que está sendo saudavelmente pressionado a melhorar, eu acredito que vá ser um processo, ele melhorando, ele também dentro das suas organizações de classe vai ter condições de pressionar o poder e assim vai, porque é uma melhoria de qualidade e isso não fica só aqui, isso vai forçando, se o voluntário traz, o funcionário vai ter que melhorar, ele melhorando vai ter que estudar mais, se preparar mais, vai abrir um pouco mais a sua cabeça cidadã, ele já não vai ser só capitalista no sentido de eu quero o meu, depois eu vou pra casa, ele vai querer participar mais e o patrão vai perceber isso, é um processo que fortalece, não sei se o meu pensamento é ingênuo, mas eu penso que fortalece nesse sentido, não é uma tarefa pra daqui amanhã, é um processo um pouco doloroso, uma pessoa desempregada pensa: eu quero virar voluntário, pode aparecer uma boquinha, virar*

*remunerado, mas com a adequação que vai haver, normalmente isso vai acontecer a melhoria de qualidade.”*

Charles: *“Eu vejo da seguinte forma: nós estamos falando em serviço voluntário, mas é no caso de jovens que não têm experiência e esse serviço voluntário eu creio que não seria um serviço contínuo, ele vai prestar pequenos serviços à sociedade. Esse serviço voluntário é uma forma dele adquirir experiência também e aprender coisas novas, aí eu não sei realmente se tá causando algum perigo, ameaça ao profissional da área. Os profissionais hoje têm que ter a seguinte mentalidade: aquela empregabilidade que existia, hoje ela não existe mais, acabou. Até em setores públicos nós vemos isso; existe um projeto de professores da escola pública serem terceirizados, contratados, hoje o que interessa é o profissional, se o Sebastião é um bom profissional, eu vou querer puxar ele pra minha empresa, então ninguém vai tirar isso dele, porque ele é um bom profissional. Atualmente eu tô procurando um bom profissional na área de vendas... eu tô com uma dificuldade enorme, eu preciso de uma pessoa ímpar, que ela seja vendedor, mas ela conheça muito bem essa área, aí é aquela questão de qualificação do profissional. Eu vejo o voluntário prestando pequenos serviços à sociedade, não executando tarefas contínuas, eu fui voluntário, eu comecei minha carreira assim, eu dava aula, cheguei a dar aula quase que um ano de graça, o pessoal: ‘olha se eu tiver um dinheiro eu te pago, se eu não tiver eu não te pago’; eu fiz isso, não me arrependo de ter passado por isso, hoje eu tenho uma empresa, tenho a parte de treinamento, tem outro setor que essa empresa viabiliza, então eu acho que é construtivo, principalmente nesta questão”* .

Marcos traduz as dificuldades cotidianas de sua inserção institucional junto ao Programa no capítulo do voluntariado. No final de sua fala poderia estar-se iniciando uma nova discussão...<sup>20</sup> :*“Até pegando esse ano que a gente tá que é do voluntariado, a palavra voluntário, às vezes ela se confunde dentro da sociedade que é muito comercial, conversando com alguns amigos da TV que trabalham comigo e a gente tava*

---

<sup>20</sup> No final Marcos parece não levar em conta que as próprias condições de emprego/desemprego, as ‘condições objetivas’ não são um dado inerte, elas são históricas, construídas e regidas pelas estruturas e diversos poderes sócio econômicos, sobretudo os da elite numa sociedade globalizada.

*desenvolvendo há um tempo atrás a campanha mantenha nossa cidade 100% limpa, e daí a gente tava conversando , mas “por que o pessoal tava lá fazendo aquilo tudo?” A gente tava tentando sensibilizar a população a não jogar lixo na rua e contamos qual era objetivo da campanha; daí um deles perguntou: “mas vocês tão ganhando da Prefeitura pra fazer isso?” A gente responde: “A nossa sociedade não tá afim com a visão do lado voluntário, do lado social, de você tá trabalhando porque você ama fazer aquilo. Um dos fatores que vai tirar essa preocupação das pessoas é a partir do momento que elas entenderam o que é realmente um trabalho voluntário, o que é você ser voluntário, você estar fazendo aquilo por amor, por carinho, por dedicação.”*

*Agora, a gente tem que entender uma coisa que o Charles falou, a partir do momento que você é bom, todo mundo quer você e se o voluntário tá mostrando o seu trabalho no dia-a-dia, tá se tornando uma pessoa boa, ele vai ser profissional, querendo ou não querendo ele vai tirar a vaga do outro. É assim o mundo, e a tendência é piorar cada vez mais: quem é bom tira o lugar do outro, só fica quem é bom, por isso que tá o desemprego desse jeito...”*

Neste GF foram lançadas algumas sementes sobre o tema do voluntariado, questões e preocupações relevantes para nosso cotidiano tanto pessoal quanto social . Esta, parece-nos, uma discussão com potencial de informação e resoluções riquíssimas, altamente pertinente porque assenta-se sobre o próprio eixo do Programa SCV e que, proporíamos, deveria ter prosseguimento e constar da sua pauta programática nas diversas estruturas e níveis de participação disponíveis.

#### **4-Tônicas: O que mudou em duas ou três horas ?**

Em termos “objetivos”, de medição, provavelmente não mudou nada, ou muito pouco. Mas, através do grupo focal, foi oferecido um espaço de encontro e de diálogo entre os jovens e entre as comunidades envolvidas com o Programa e também uma ponte jovens - comunidades - Programa, que foi utilizada como nutriente para ‘não deixar a peteca cair’.

O que está mobilizando estes jovens e comunidades é a própria existência do Programa SCV e o valor que atribuem à continuidade e implantação dos serviços oferecidos.

O clima de entrosamento e camaradagem durante os trabalhos de GF, as avaliações verbais positivas ao final<sup>21</sup> e a tendência ao deixar-se ficar nos recintos de realização dos GFs, indicaram o prazer que aquele tipo de atividade proporcionou aos grupos.

O potencial e a disponibilidade para um trabalho conjunto no caso dos membros das comunidades e de reivindicações, no caso dos jovens foi largamente constatado. Em todos os GFs houve proposições numa clara mostra de envolvimento e importância atribuída ao Programa.

Então, nosso objetivo e nossa sensação são de que, através da prática do grupo focal, ocorreu mais um tênue movimento em direção à reflexão e ao diálogo com o outro, mais um passo contra a forte corrente do individualismo e dos valores centrados no consumo. Ou seja, como Leonardo Boff classificaria, mais um apoio à *concidadania* que é ‘a cidadania participativa, vivida pelos movimentos sociais, pela qual cidadãos se unem a outros cidadãos para lutar por seus direitos’ (BOFF: 1997,189).

Transcrevendo falas em que jovens de Pindamonhangaba avaliam o GF:

*“Eu acho que no começo eu fiquei um pouco envergonhado e agora eu me sinto à vontade pra falar (...) Eu acho que assim, aqui só tem adulto, quando você entra num ambiente que tem algumas pessoas que você conhece e sabe que se você falar uma coisinha errada, alguma coisa que não tem nada a ver, vão tirar onda, você geralmente fica muito envergonhado, então não foi o caso aqui, aqui a gente sabe que só tem adulto, a gente já se conhece um pouco, então a gente sabe que mesmo que a gente erre, ninguém vai ficar tirando sarro, então eu acho que foi isso que levou todos nós a perder um pouco a vergonha que a gente tava sentindo.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

*“No começo também eu senti meio acanhado, porque eu cheguei ali com o Marcos: que que eu vou ter que responder lá? Eu não sabia muito bem a pergunta que ia surgir, nossa!!! Será que vai ser bom, vai ser ruim? Agora eu tô vendo que tá bom, tô gostando. Todo mundo começou a responder, daí eu acho que eu soltei também, o que*

---

<sup>21</sup> Em S. P. capital, por motivos de ameaça de desligamento do instrutor local, e no GF da comunidade devido ao avançado da hora, esta etapa ocorreu informalmente, fora do ‘círculo ou roda’ que foram os espaços físicos onde funcionaram as discussões dos GFs.

*tiver no meu alcance responder, eu vou responder.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

*“Como eles falaram, sempre no início assim a gente fica um pouco acanhada, depois com todo mundo falando, respondendo, a gente já começa a se soltar melhor.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba).

*“Que nem eles falaram, eu me senti meio envergonhada, depois começa a soltar, vocês começa a brincar, dar risada, então a gente vai soltando pra responder melhor.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba).

*“Eu me senti um pouco envergonhado no começo, mas depois eu vi que não tem nada a ver, isso de ter vergonha de falar, de chegar em qualquer lugar e ter vergonha, aprendi isso também no projeto, me comunicar.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

*“No começo eu também senti vergonha de falar, tudo aqui é novo, você não sabe o que vai acontecer aqui, daí agora sinto melhor pra falar, é um negócio legal, gostei.”* (Um jovem participante de Pindamonhangaba).

*“Eu falo mesmo, eu imaginava que ia ser uma coisa diferente (...) Eu achei que ia ser uma coisa meio ditadora, você tem que falar, mas pra mim tudo bem, gostei, foi legal (...) Agora sei as idéias das pessoas, deu pra conhecer aqui mais ou menos como alguém pensa e sei lá, eu acho que a gente junto pode conseguir alguma coisa, só a gente colocar em prática.”* (Uma jovem participante de Pindamonhangaba).

Os convidados para o GF da comunidade de Pindamonhangaba também expressaram a sua insegurança por não saber exatamente o que se esperava deles naquele encontro: *“Inicialmente eu vim até essa reunião sem saber muito o que eu iria fazer aqui, pra ser sincero, recebi o convite (risos dos demais participantes). Bom, eu tô percebendo que eu não sou o único que não sabia (...) mas agora nós vimos também que podemos ser inseridos nisso (no Projeto), muitas vezes. A responsabilidade é maior ainda na nossa parte. Eu achei que foi muito válido tá presente aqui e com certeza ficarei muito contente em poder tá tentando contribuir pra novas reuniões e de certa forma tá*

*participando também, eu só queria dizer que sou grato até por ter sido convidado e poder tá participando aqui junto com vocês.”(Charles)*

*“Lembrando o que a Irene falou no começo, acho que cada vez que você senta com um grupo de pessoas e começa a conversar com elas, você começa a aprender com essas pessoas, eu sei que cada um que tá indo embora agora pra casa, ou vai fazer alguma coisa, vai tá levando alguma coisa da reunião, alguma coisa você tira de proveito, você leva pro seu crescimento e isso é importante, vejo que da gente tá reunido aqui, um fato que marcou é que a gente tem certas responsabilidades a cumprir, acha que cada um aqui assumiu um compromisso um com o outro e esse compromisso da gente tentar agilizar e fazer com que o Projeto Jovem Cidadão não termine por aqui, que a gente dê continuidade pra esses jovens, que a gente coloque na prática, como a dona Rosiléia falou, que não fique somente na teoria, é isso que importa.” (Marcos)*

Sebastião volta a falar da sua esperança e fé no desenvolvimento dos trabalhos do Programa.

Claudia diz: *“ Eu vejo que esse grupo foi muito proveitoso e como o Marcos falou, o Projeto não acabou aqui, ele continua ou talvez comece agora, onde a gente devia procurar ver o que a gente pode estar fazendo, enquanto sociedade é acolher esse jovem que tá aí preparado (...).”*

Sr. João, querendo mais : *“ Eu fiquei bastante satisfeito, a primeira reunião que eu vim gostei muito, espero que continue, pra poder as outras de casa levar o mesmo trabalho que a primeira fez.”*

Juraci agradece pela oportunidade de participar do GF.

Rosiléia, além de agradecer e dizer-se muito satisfeita, expressa seus desejos:

*“(…) espero que assim como eu e seu João, que participamos dessa reunião, que outros pais também venham se interessar e querer também participar dessa reunião que pra nós como pais foi muito proveitosa, tanto pra sociedade, como pra nós e depois nós vamos passar pros nossos filhos o que foi dito, o que nós tiramos de aproveitamento, então como eu e seu João estamos representando os pais dos alunos, espero que outros*

**Grupos Focais com Jovens e Comunidade - Programa Serviço Civil Voluntário**

---

*pais venham fazer a mesma coisa e aproveitar bem essa reunião aqui que nós fizemos hoje” .*

### III. Conclusões e Sugestões para Políticas Públicas



### III- CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

Quando diariamente saltam aos olhos o descrédito e a desaprovação às instâncias de governo, proteção e representação política, conforme também relatado na *Pesquisa com os Participantes do Programa Serviço Civil Voluntário - dezembro 2000* (SERT/DIEESE: 2000,51), as políticas públicas passam a ter o dever de repensar a relação do indivíduo com o Estado.

No caso destas sugestões, isto talvez signifique apoiar o (r)estabelecimento de uma maior e mais horizontal relação entre os cidadãos, ou seja, dar continuidade e aprofundar metodológica e programaticamente o Programa SCV.

Este capítulo, fruto da recolhimento de sugestões dos participantes dos GFs e de algumas conclusões decorrentes, será tratado sob forma de tópicos, quase como lembretes.

Antes, porém, gostaria de remeter o leitor a uma das citações que abrem este relatório e que volto a citar porque, além de (parece) corresponder ao espírito deste Programa, ajuda a re-situar os tópicos que se seguirão:

*“As políticas sociais e os programas destinados à população jovem em situação de pobreza normalmente priorizam seus problemas, fracassos e deficiências e, com frequência atingem crianças e adolescentes quando já se encontram em situação de difícil reversão. É necessária uma mudança de mentalidade que tenha como alvo competências e potenciais – da criança/jovem, da família e da comunidade”* (cit. in RIZZINI,I.;BARKER,G.;CASSANIGA,N.: 2000,10).

Assim:

- Reproduzindo aqui uma sugestão que consta no corpo deste relatório, sobre a discussão do ‘Trabalho Voluntário’: *“Esta, parece-nos, uma discussão com potencial de informação e resoluções riquíssimas, altamente pertinente porque assenta-se sobre o próprio eixo do Programa SCV e que, proporíamos, deveria ter*

*prosseguimento e constar da sua pauta programática nas diversas estruturas e níveis de participação disponíveis.” ;*

- Foi muito enfatizada a importância do instrutor/agente social do Programa como figura de referência para os jovens;
- Da mesma forma, foi ressaltada a importância da discussão e do exercício dos Direitos Humanos e de uma metodologia permanentemente participativa no curso;
- Foi sugerido o alongamento do curso para 6 meses e a existência de monitoria através dos alunos mais antigos;
- Foi solicitada a garantia de um acompanhamento aos egressos o que é importante tanto no sentido de apoiá-los, como no de pesquisar sobre os alcances e possíveis medidas de renovação do Programa;
- Foi constatada a importância vital de fomentar e apoiar uma rede social por área geográfica entre os participantes de determinada área, suas famílias e estruturas comunitárias, prestadores de serviço/empresas visando a fomentar e a potencializar estágios, trabalhos voluntários, ocupações e empregos variados.
- A comunidade está demandando uma implantação do Programa SCV que atualmente é percebido como de caráter eventual. A ponte entre os Projetos locais e as comunidades ainda não é um dado, é algo a ser gradativamente construído com o apoio da rede social.
- Foram feitos muitos elogios sobre a parte pedagógica e reclamações sobre a parte administrativa da Ágora.
- Foram assinalados atrasos no repasses de verbas e suas conseqüências na administração cotidiana da realização do Projeto.
- Finalmente, nada foi mencionado sobre a parte do Projeto que tenciona melhorar a escolaridade formal dos participantes. Em nenhum dos 4 GFs qualquer palavra foi dita sobre o telecurso que é o veículo previsto pelo Projeto para atingir esse objetivo. Isto é importante na medida em que o ensino público (e às vezes mesmo o particular) oferecido é, via de regra, de má qualidade e as conseqüências disto podem ser sentidas nas deficiências de aprendizado e nas dificuldades de continuidade dos alunos no ensino regular, notadamente nos pertencentes a famílias de baixa renda. No caso dos participantes do SCV, a pesquisa quantitativa mostrou que a maior parte não concluiu o 2º grau (58%) (SERT-DIEESE 2000, p.11) e que 31% já estão fora do ensino regular apesar da compatibilidade de sua faixa etária (SERT-DIEESE 2000, p.15). Talvez uma maior ênfase no ensino de matérias

básicas como Português e Matemática pudesse ser dada nas próximas edições do Programa. É sabido que o Mercado de Trabalho está cada vez mais exigente e seletivo e que uma melhor base certamente representaria um diferencial a mais para a inserção destes jovens que tanto anseiam por um trabalho que lhes permita viver dignamente: 98% do conjunto dos participantes do SCV disseram que conseguir um novo trabalho é o seu principal objetivo após o término de sua participação no Programa (SERT-DIEESE 2000, p.62).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOFF, L.- **A Águia e a Galinha**- uma metáfora da condição humana: Vozes, 3<sup>a</sup> ed., Petrópolis, RJ 1997.

RIZZINI,I.; BARKER,G.;CASSANIGA,N.- **Criança não é risco, é oportunidade**

- Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes: CESPI/USU-EDUSU e Instituto PROMUNDO, RJ 2000.

SERT/DIEESE- **Pesquisa com os Participantes do Programa Serviço Civil Voluntário**. São Paulo: mimeo, dezembro de 2000.